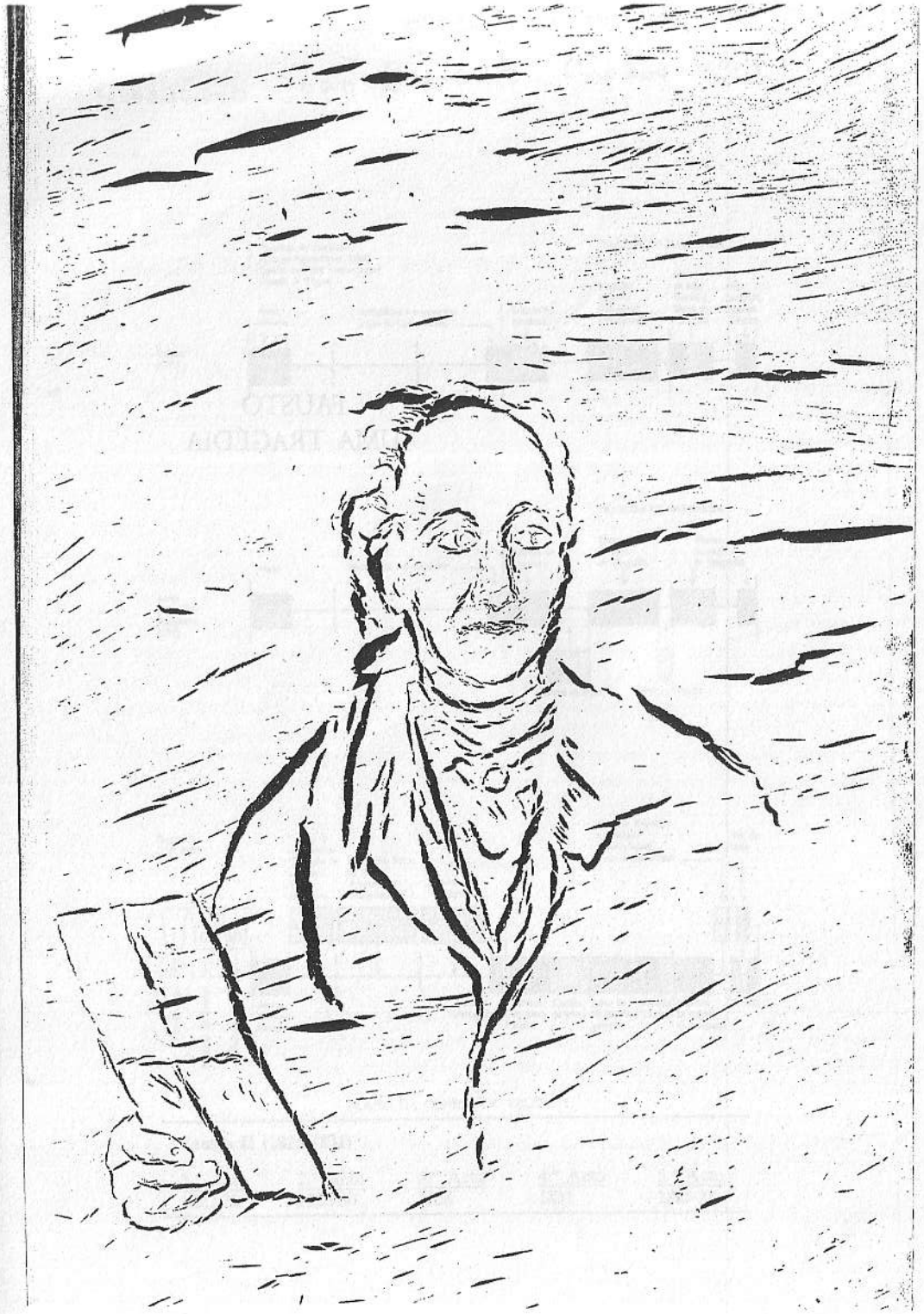


DEDICATÓRIA

Surgis de novo, figuras fugidias
Que ao turvo olhar vos mostrastes outrora.
Cabem em meu coração tais fantasias?
Serei capaz de vos reter agora?
Quereis entrar! Seja, reinai sem peias,
Vós, que subis das brumas da memória;
A minha alma renasce, emocionada
Pelo sopro mágico da vossa cavalgada.

Trazeis imagens de outra felicidade,
E ressurge muita sombra querida;
Voltam primeiros amores, velha amizade,
Como uma antiga lenda, meio perdida;
Renasce a dor, a mágoa insiste e invade
A errância labiríntica da vida,
E nomeia os amigos que a má sorte
Privou de gozos e entregou cedo à morte.

Não ouvem os meus cantos de agora
As almas para quem primeiro cantei;
Disperso o grupo da primeira hora,
Mudos os ecos que então despertei.
A turba ignota o meu canto devora,
E nem com seu aplauso me alegrei;
E os que os meus versos amaram a fundo,
Se ainda vivem erram por esse mundo.

E apossa-se de mim uma olvidada
Saudade desse reino calmo e grave
Dos Espíritos, e a minha ciciada
Canção, eólia harpa, é voo de ave;
Estremeço, ao pranto a lágrima ajuntada
O peito austero torna leve e suave:
O que possuo dilui-se na distância,
E o que fugira ganha forma e substância.

PRELÚDIO NO TEATRO

Director. Poeta Dramático. Actor Cómico.

DIRECTOR:

Vós dois, cujo conselho sempre
Em apertos e apuros me acompanha,
Dizei-me: nestas terras de Alemanha,
A nossa empresa que futuro tem pela frente?
Quero o público aqui bem animado,
Pois ele vive e a nós nos faz viver.
Estão montados os postes e o tabuado,
E toda a gente grande festa quer ter.
Já estão a postos, de sobrolho no ar,
Esperando o milagre que lhes vamos dar.
Sei bem do povo ganhar o favor;
Mas nunca estive em tão grande embaraço:
O que vêem não será do melhor,
Mas leram mais do que imaginar posso.
Que iremos dar-lhes hoje de novo e vivo,
De divertido e pleno de sentido?
Pois se há coisa que eu goste de ver,
É a multidão que acorre ao nosso piso,
E não se importa de mil penas sofrer
Para passar os portões do paraíso;
De dia ainda, nem quatro horas são,
Já lutam para chegar à bilheteira,
Como em tempo de fome por um pão,
Quase se matam por uma cadeira.
Milagre assim, com um público tal,
Só o poeta o faz. Amigo, vale?

POETA:

Ah, não me fales dessa turba sem rosto!
Estiola o espírito ante a sua imagem.
Esconde-me esse tropel, que a contragosto
Nos arrasta numa grande voragem.

Não, leva-me ao refúgio que foi posto
No céu para o poeta e sua miragem,
Onde Amor e Amizade, com divina mão,
Cultivam o bem-estar do coração.

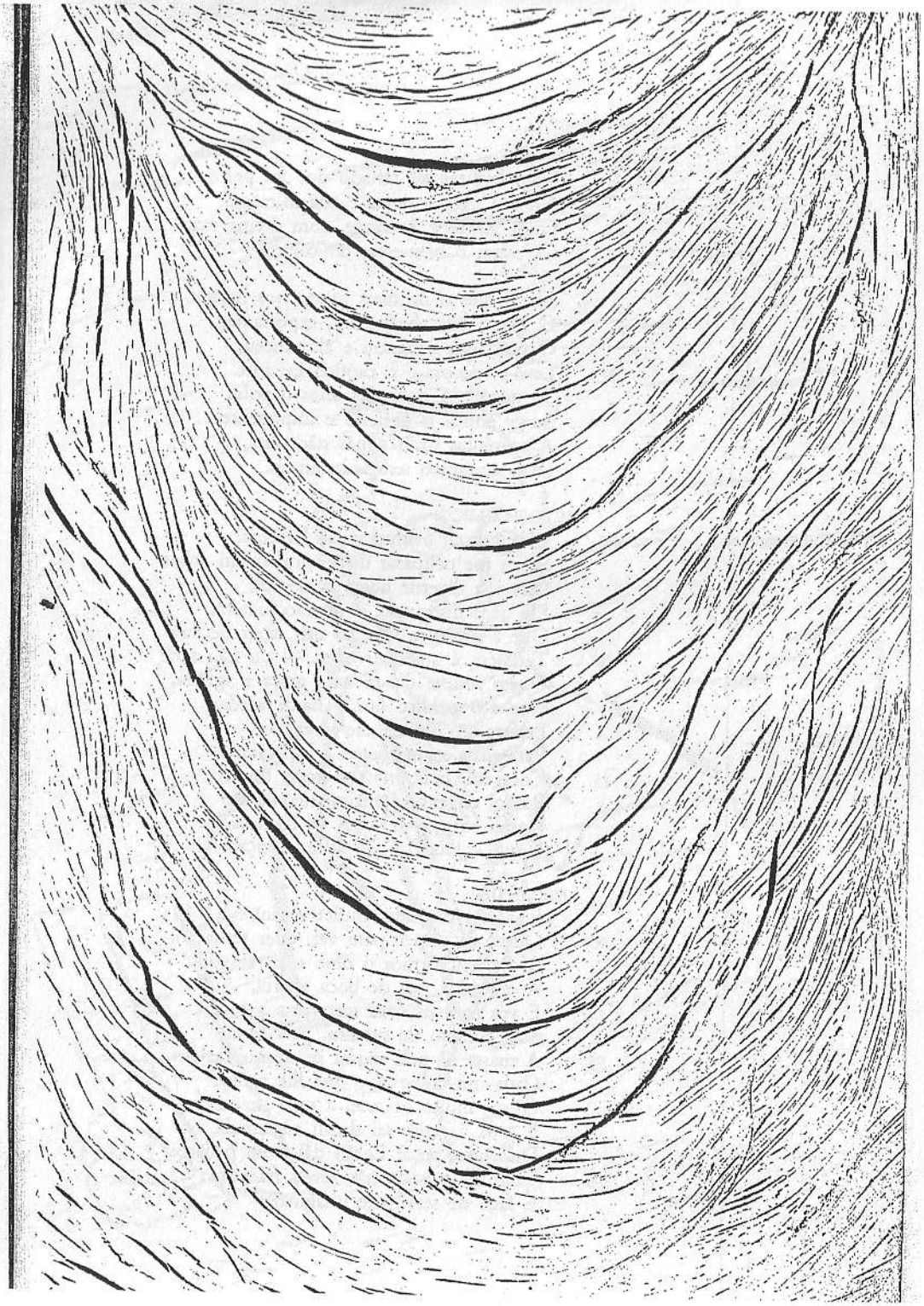
Ah, o que aí de mais fundo nos nasceu,
O que a boca balbuciou, expectante,
O que aqui fracassou e ali venceu,
Leva-o, devora-o o caótico instante.
Só quando a roda dos anos o poliu
Surge enfim já perfeito e imponente.
A aparência brilha, mas não dura,
Só o autêntico terá vida futura.

ACTOR CÓMICO:

Vida futura! Sempre essas larachas!
Se eu me ocupasse do futuro, quem achas
Que iria divertir nosso presente?
Ele quer distracção, e distracção terá,
Que a presença viva de um rapaz decente
Também é qualquer coisa — ou não será?
Quem souber dar-se com graça e agrado,
Não é o público que o há-de azedar;
Prefere até um círculo alargado
Para mais seguramente o emocionar.
Coragem, pois, mostrai vossa mestria:
Razão, engenho, sentimento, paixão
Deixai soar, e os coros da fantasia,
E que a loucura não falte, atenção!

DIRECTOR:

E, acima de tudo, muita acção!
Quem cá vem é para ver, quer sensação.
Se lhe enchermos o olho com enredos,
A multidão fica de boca aberta,
E vós ganhais com isso fama a rodos,
Sois homem de sucesso, pela certa.
A massa só pela massa se conquista,
Cada um colhe aí o que lhe agrada.
Quem muito oferece, a cada um assiste,
E toda a gente sai daqui encantada.
Dais uma peça? Então dai-a em pedaços!
Com tal guisado não tereis fracassos:
É fácil de servir, de imaginar.



De que vos serve um todo apresentar?
O público desmembra-o sem remorsos.

POETA:
E não vedes como é vil tal mister?
Como é indigno do artista que se preza?
A fancaria de um amador qualquer
É para vós lei, já vejo, não vos lesa!

DIRECTOR:
Essa censura a mim pouco me afecta:
Quem quiser atingir a sua meta
Tem de servir-se da melhor ferramenta.
Lembrai-vos que esta massa não é cinzenta,
Pensai, ao escrever, a quem fazeis assédio!
Alguns vêm trazidos pelo tédio,
Outros comeram que nem animais,
E quem me parece mais sem remédio
São os que vêm de ler os jornais.
Vêm por vir, como para as mascaradas,
Só a curiosidade os faz voar;
As damas pavoneiam-se, enfeitadas,
E representam sem se fazer pagar.
Com que sonhais nos píncaros da poesia?
Que vos alegra na casa cheia de gente?
Vede os mecenas! Desta fidalguia
Metade é bronca, metade é indiferente.
Depois da peça, este quer jogar cartas,
Outro, uma noite louca com uma pega.
E para tal gente ides bater às portas
Das musas, pobres tolos? Já chega!
Ouvide bem: dai mais e sempre mais,
E assim o alvo não ireis errar.
Procurai confundir, que contentar
Os homens não conseguireis...
Que é isso agora? Arrebatamento ou dor?

POETA:
Procura outro escravo para te servir!
Deve então o poeta infringir
Por ti sem pejo o sagrado direito
De ser homem, da Natura o favor?
Como põe ele os corações a arder?
E os elementos, como os molda a seu jeito?

Não será a harmonia que lhe mana
Da alma e o mundo ao seu coração chama?
Enquanto a Natureza fia o fio
No seu fuso infinito, indiferente,
E um sem-número de seres em desvario
Se faz ouvir, dissonante e demente —
Quem anima e divide a sempre igual
Sequência e a dá ritmicamente?
Quem sagra a parte no rito universal,
E a faz vibrar em acordes imponentes?
Quem desenfreia a fúria das paixões?
Quem põe em fogo nas almas os poentes?
Quem esparge na Primavera os botões
De belas flores nas veredas dos amantes?
Quem faz de folhas sem significado
Coroas de glória, para o valor distinguir?
Quem garante o Olimpo, para os deuses unir?
O génio humano, no poeta revelado.

ACTOR CÓMICO:

Usai então essa força de magia,
E conduzi os negócios da poesia
Como quem vive aventura de amor.
Guia-nos o acaso, ao sentir e esperar
Segue-se, passo a passo, o envolvimento;
Cresce o prazer, mas logo há desencanto,
Mal nos esquecemos, e a dor entra no lance,
E sem darmos por isso... é um romance.
Vamos pôr tal espectáculo em cena,
Descei ao fundo da vida humana plena!
Todos a vivem, conhece-a pouca gente,
E onde a apanhardes é que ela é interessante.
Imagens vivas, com pouca claridade,
Muita ilusão e um grãozinho de verdade —
Ingredientes da poção perfeita
Que todo o mundo edifica e deleita.
Então, da juventude a flor mais bela
Acorrerá à peça, a ouvir sabedoria,
E as almas mais sensíveis bebem nela
Doce alimento da melancolia;
Vibrará então esta ou aquela corda,
E o que lhes vai nos corações acorda.
Esses estão inda livres para rir e para chorar,
Gostam das emoções, alegra-os a ilusão;

O homem feito é mau de contentar,
Mas os que crescem sempre gratos serão.

POETA:

Para isso terás de me trazer
Os anos do meu próprio devir,
Quando uma fonte de canções a nascer
Brotava em mim sem se extinguir,
Quando névoas me escondiam o mundo
E inda o botão milagres prometia,
Quando eu as mil flores colhia
Que enchiam o vale até ao fundo.
Não tendo nada, bastante tinha então:
A sede de verdade e o gosto da ilusão.
Dá-me de novo as paixões sem temor,
A funda e dolorosa felicidade,
Do ódio a força, o poder do amor:
Traz-me de volta a minha mocidade!

ACTOR CÓMICO:

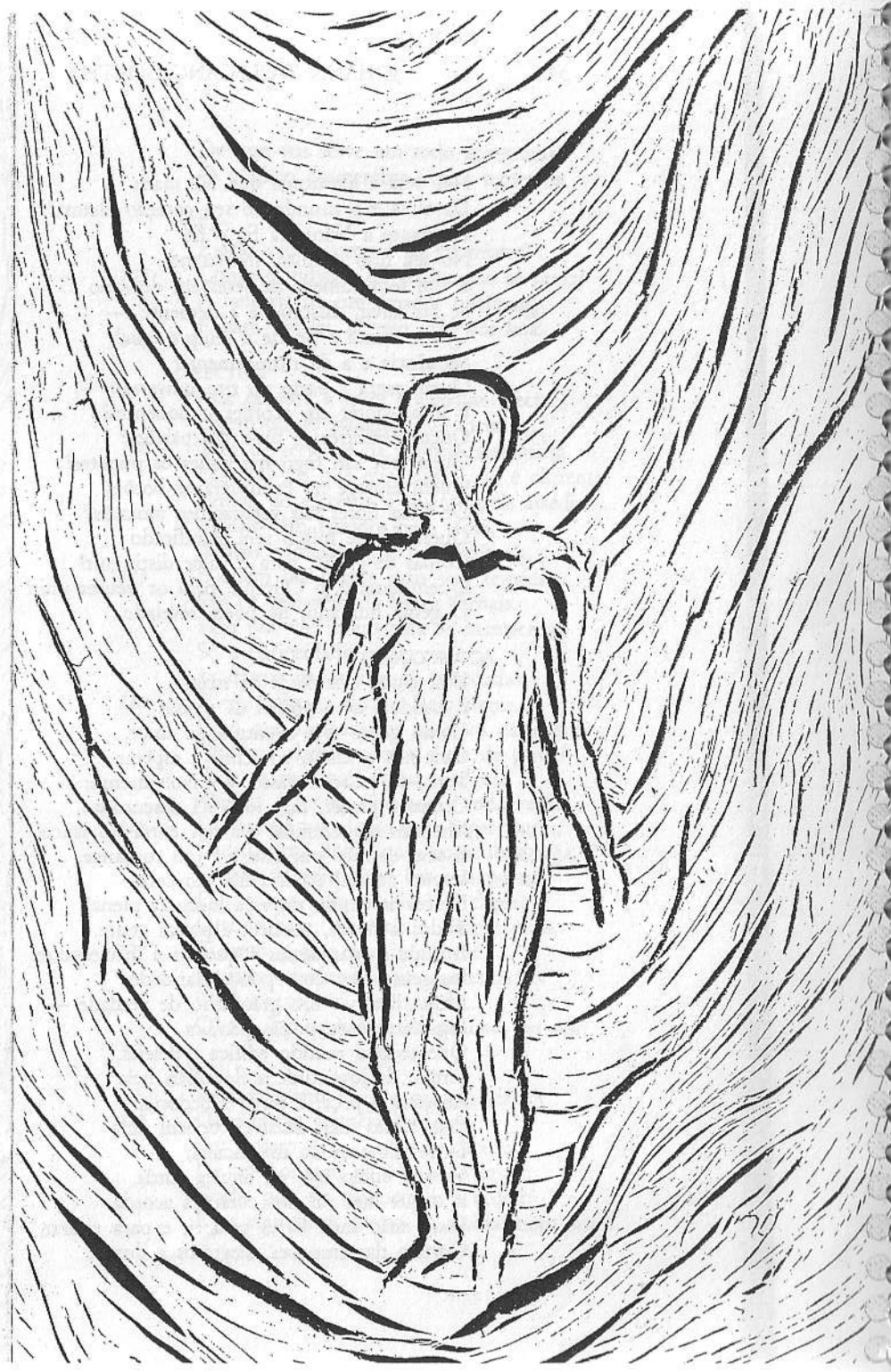
Da mocidade, amigo, precisas tu, e bem,
Quando o inimigo te aperta na peleja,
Se, insinuantes, a ti se prenderem
Mulher ou moça que se veja,
Quando da meta que só o esforço alcança
A coroa de louros já te acenar,
Quando, depois de desvairada dança,
As noites em festins fores afogar.
Mas fazer vibrar com graça e ânsia
As cordas da conhecida lira,
E perseguir em fantasia e errância
O alvo da nossa própria mira —
Essa é, velhos senhores, vossa missão,
E isto em nada vos afecta a dignidade.
A idade não nos torna infantis, não,
Descobre em nós crianças de verdade.

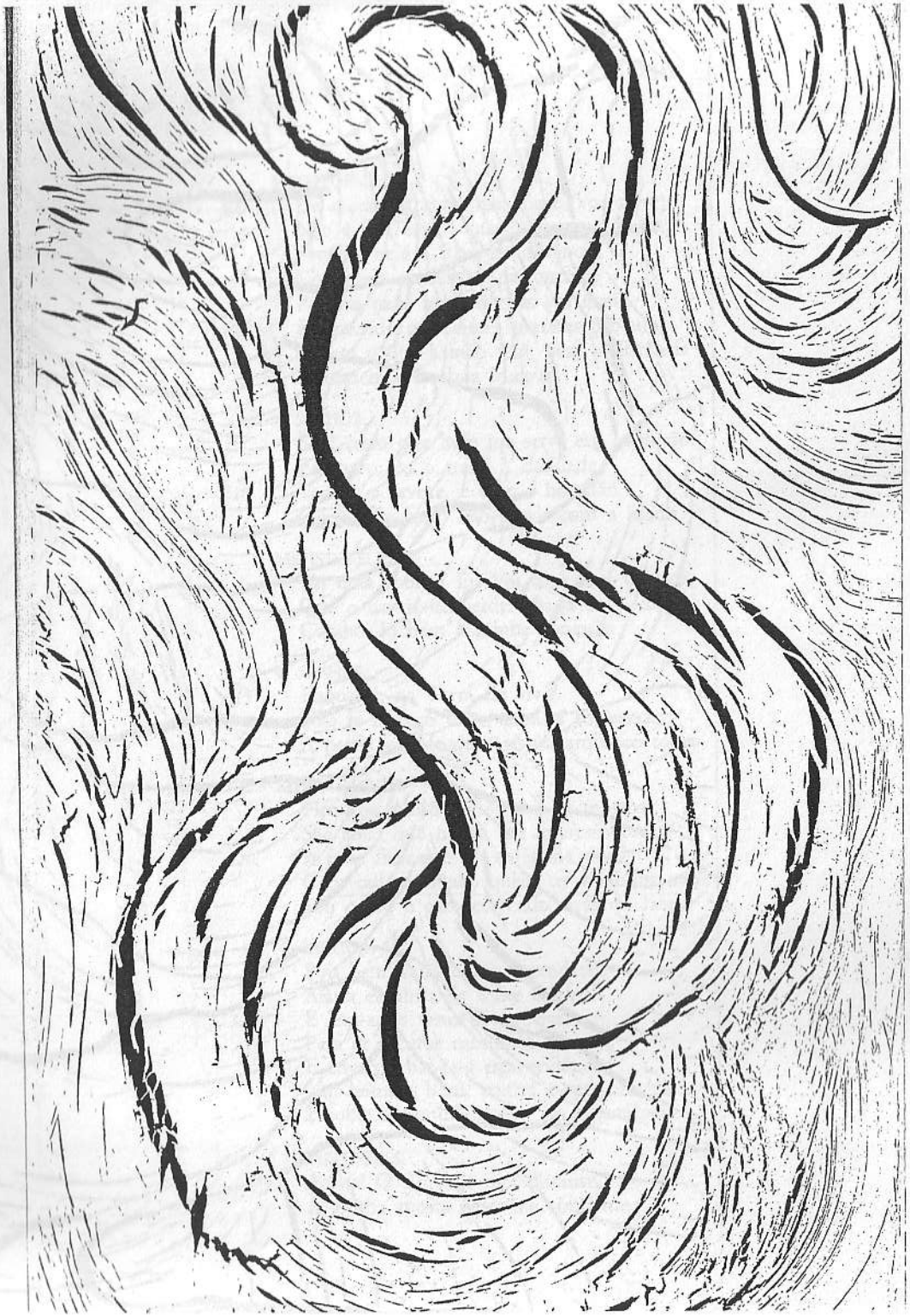
DIRECTOR:

Por hoje, de palavras já basta,
Acção é o que agora quero ver!
Enquanto torneais a prosa gasta
Coisas mais úteis podem acontecer.
De que serve falar da inspiração,
Se ao pusilânime ela nunca aparece?

Se é de poetas a vossa condição,
É a poesia que comandar merece!
Sabeis bem do que nós carecemos,
Um trago forte é tudo o que queremos;
Preparem sem demora essa poção
Que o que hoje não se fizer, amanhã será vão,
Nem um dia vamos desperdiçar.
E agora já a vossa decisão
O possível pela trança há-de agarrar,
Para depois o não deixar escapar
E prosseguir, que essa é sua missão.

Bem sabeis como os nossos empresários
Põem em cena o que lhes passa pela cabeça;
Por isso, não poupemos nesta peça
Nem máquinas, nem truques, nem cenários.
Usemos as duas luminárias,
Em estrelas sejamos generosos,
Não falta água, fogo, montes rochosos,
Nem tão-pouco aves e alimárias.
Vamos abrir-vos neste humilde barracão
A perspectiva de toda a Criação,
Seguindo em ritmo certo o curso eterno,
Do Céu para a Terra e desta para o Inferno.





PRÓLOGO NO CÉU

O Senhor. As Falanges Celestes. Depois Mefistófeles. Adiantam-se Os Três Arcanjos.

RAFAEL:

Seguindo antigo ritmo, o Sol
Com as esferas canta uma canção,
E fecha o seu ciclo ancestral
Ao passo sonoro do trovão.
Vê-lo dá aos anjos vigor:
Insondável é o seu mistério;
O enigma da Obra maior
É como o do dia primeiro.

GABRIEL:

E com espantosa celeridade
Gira a Terra no seu esplendor;
À edénica claridade
Segue-se à noite e seu terror;
Em largas vagas espuma o mar,
Descendo ao fundo dos penhascos,
E rocha e mar vai arrastar
O ciclo célere dos astros.

MIGUEL:

Furacões rugem à porfia,
Do mar à terra, da terra ao mar;
Irados, formam a cadeia
De ecos profundos em redor.
Chameja o raio arrasador
No trilho antes do trovão.
Teus mensageiros, porém, Senhor,
Veneram-Te na paz da Criação.

OS TRÊS:

Ver-Te dá aos anjos vigor,
Insondável é o Teu mistério,

E o esplendor da Obra em redor
É como o do dia primeiro.

MEFISTÓFELES:
Já que outra vez, Senhor, a nós desceste,
Para saber o que há por cá de novo,
E como sempre com bons olhos me viste,
Assim me vês agora entre o Teu povo.
Perdão, que altos discursos não sei ter,
E pela assembleia vou ser escarnecido;
Meu tom patético far-te-ia rir,
Se o riso não tivesses já esquecido.
De sóis e mundos nada sei nem direi;
Que os homens se atormentam, disso sei.
O pequeno deus do mundo não mudou,
Desde o dia primeiro mui singular ficou.
Viveria melhor, se não fosse enganado
Pelo lampejo da luz com que o haveis dotado;
Razão lhe chama, e serve-lhe afinal
Para ser mais bicho que qualquer animal.
Parece-me, perdoe-me Vossa Graça,
Uma dessas cigarras que esvoaça,
Pernilonga, armada em saltitão,
Entoando na erva sempre a mesma canção.
Se ao menos se ficasse pelo prado!
Mas quer meter o nariz em todo o lado!

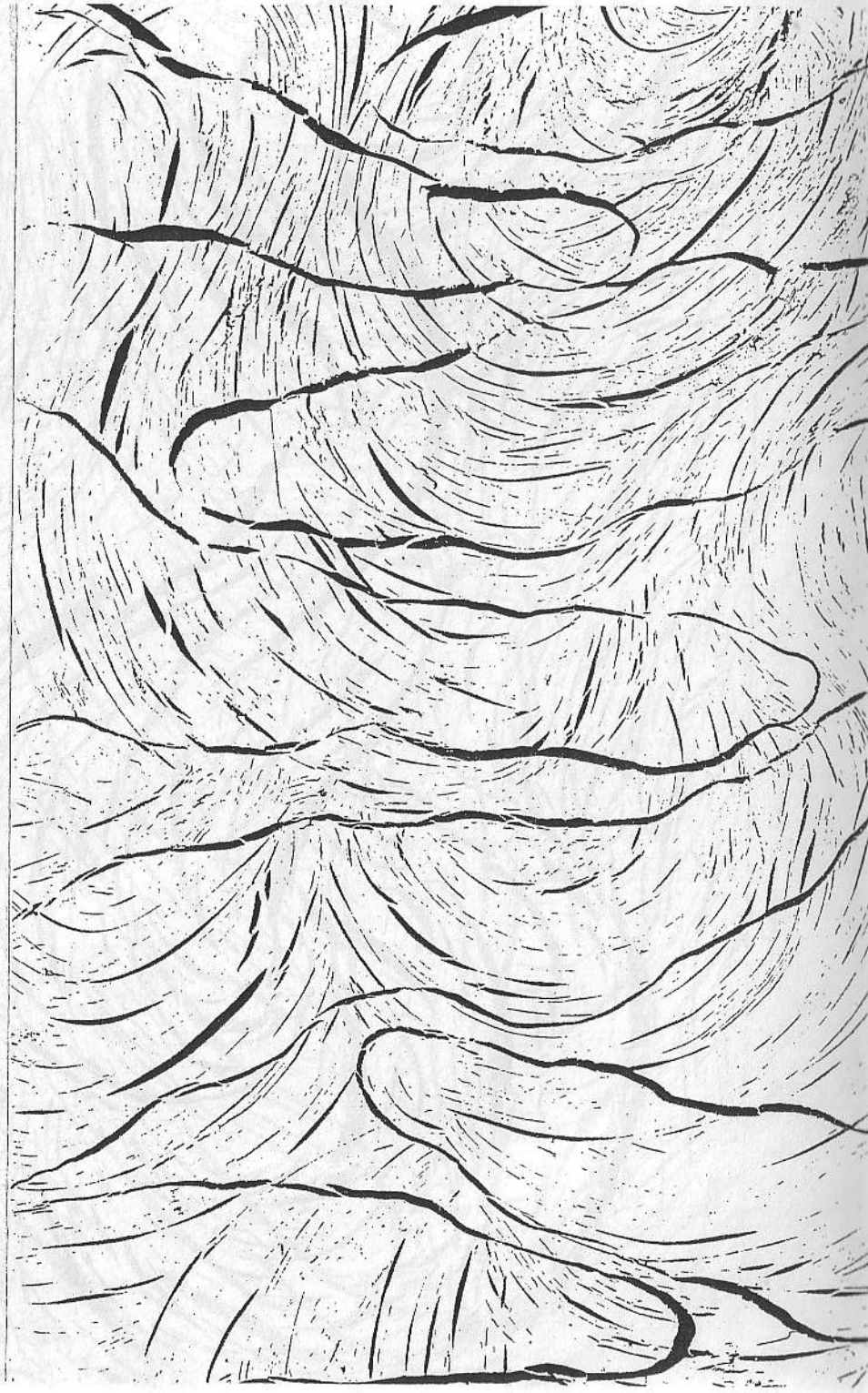
O SENHOR:
Só tens notícias dessas para me dar?
Vens cá acima só para recriminar?
Não há na Terra nada do teu agrado?

MEFISTÓFELES:
Senhor, não há! Está tudo num tal estado
Que metem dó os homens nesse vale de misérias:
Já nem aos pobres me apraz fazer pilhérias.

O SENHOR:
Conheces Fausto?

MEFISTÓFELES:
— O Doutor?

O SENHOR:
— Meu criado!



MEFISTÓFELES:

De modo estranho esse louco Vos serve!
Não é da Terra o que ele come e bebe.
Fervilha nele a febre da distância,
Vive meio consciente da loucura;
Pede as mais belas estrelas sua ânsia,
Do mundo os maiores prazeres procura,
E nem o que à mão tem, nem a distância
Satisfazem esta alma insegura.

O SENHOR:

Se é certo que hoje me serve em confusão,
Em breve eu o trarei à claridade.
Verdeja a árvore, e sabe o hortelão
Que flor e fruto hão-de vir com a idade.

MEFISTÓFELES:

Vai uma aposta? Eu Vos digo, em verdade,
Que o haveis de perder! Basta eu poder
Conduzi-lo bem à minha vontade.

O SENHOR:

Enquanto na Terra ele viver
Não te impeço de o tentares convencer.
A porfia no Homem segue caminhos tortos.

MEFISTÓFELES:

Fico-Vos muito grato, pois os mortos
São coisa que nunca me interessou.
A faces frescas e sãs antes me dou.
Com cadáveres não quero ter nenhum trato:
Sou como o gato correndo atrás do rato.

O SENHOR:

Pois bem, farás como entenderes!
Afasta ess'alma da fonte original
E leva-a, se vencê-la puderes,
Para os escuros caminhos do mal.
E envergonhar-te-á esta evidência:
Um homem bom, contra a cegueira instante,
Escolhe o caminho certo em consciência.

MEFISTÓFELES:

Aceito! O fim não está distante.
A minha aposta deixa-me confiante.

Se meu intento alcançar finalmente,
Permitireis que exulte em alto brado.
Ele há-de comer pó, e de bom grado,
Como minha prima, a famosa Serpente.

O SENHOR:

Fica à vontade, e vem quando quiseres;
Nunca odiei os seres da tua casta.
De todos os espíritos negadores
É o Maligno o que menos me agasta.
A acção do Homem depressa se atenua,
Em pouco tempo já quer repouso inteiro,
É bom, por isso, mandar-lhe um companheiro
Que o espicaça e incita e como diabo actua.
Mas vós, os veros filhos do divino,
À beleza animada cantai vosso hino!
O que está em devir e eternamente vive
Vos prenderá nos doces laços do amor,
E vós fixai o fenómeno livre
E fugaz em pensamento fundador.

O Céu fecha-se e os Arcanjos dispersam-se.

MEFISTÓFELES *(só)*:

Apraz-me visitar o grande velho
Às vezes; com tão alto Senhor temo
Romper. E até dá gosto vê-lo
Falar tu cá tu lá com o próprio demo.

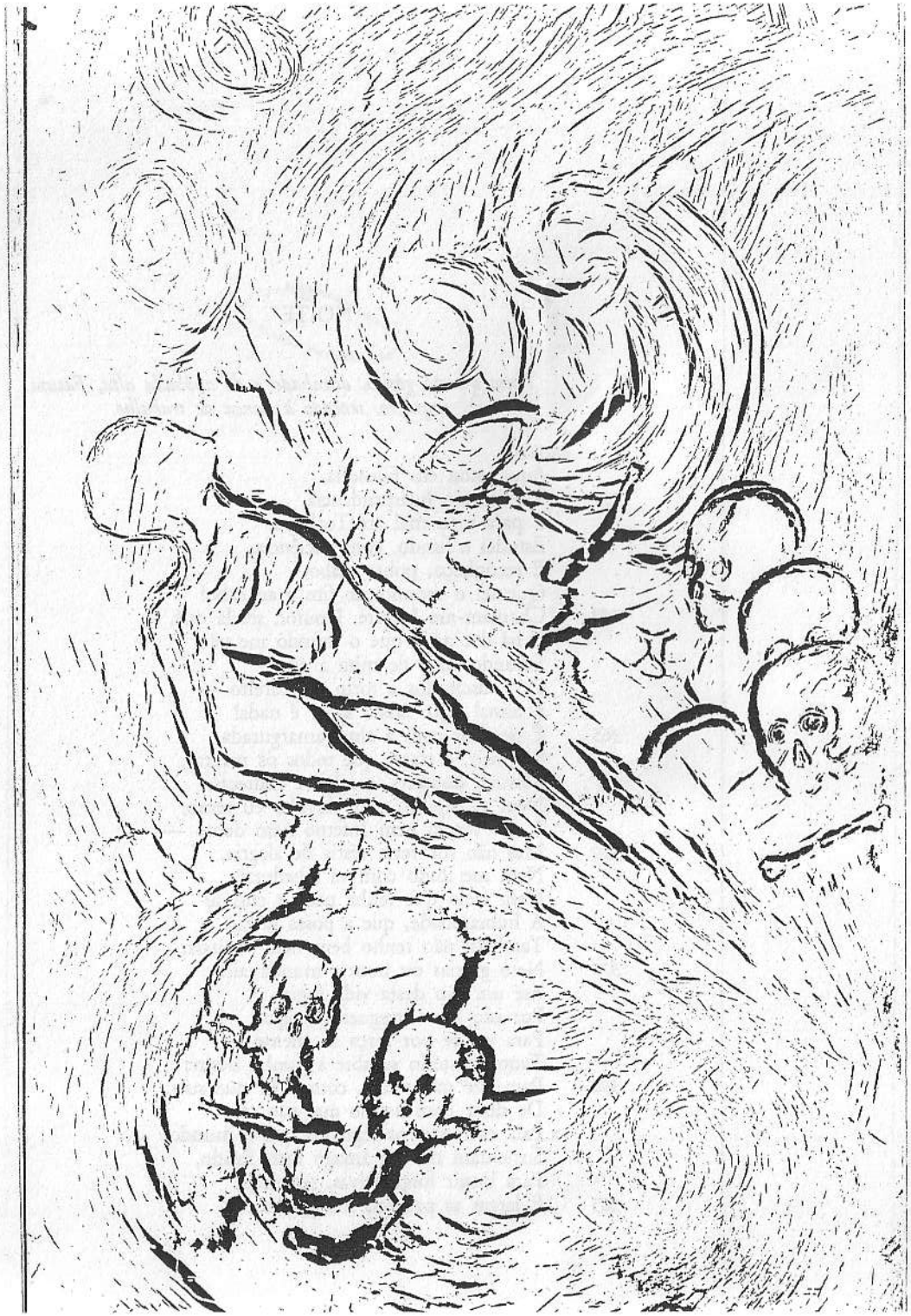
PRIMEIRA PARTE DA TRAGÉDIA

NOITE

Num quarto gótico, acanhado e de abóbada alta, Fausto, inquieto, sentado à banca de trabalho.

FAUSTO:

Aqui estou eu: Filosofia,
Medicina e Jurisprudência,
E para meu mal até Teologia
Estudei a fundo, com paciência.
E reconheço, pobre diabo,
Que sei o mesmo, ao fim e ao cabo!
Chamam-me Mestre, Doutor, sei lá quê,
E há dez anos que o mundo me vê
Levando atrás de mim a eito
Fiéis discípulos a torto e a direito —
E afinal vejo: nosso saber é nada!
É de ficar com a alma amargurada.
Sei mais, é claro, que todos os patetas,
Mestres, doutores, escribas e padrecas;
Nem escrúpulos nem dúvidas eu temo,
E não receio nem Inferno nem demo —
Mas não me resta réstia de alegria,
Nem me iludo com vã sabedoria,
Nem creio que tenha nada a ensinar
À humanidade, que a possa salvar.
Também não tenho bens nem capitais,
Nem glórias ou honras mundanais.
Até um cão desta vida fugia!
Por isso me entreguei à magia,
Para ver se por força da mente
Tanto mistério se abre à minha frente;
Para que não tenha, com o fel que suei,
De dizer mais aquilo que não sei;
Para conhecer os segredos que o mundo
Sustentam no seu âmago mais fundo,
Para intuir forças vivas, sementes,
E largar as palavras indigentes.



Ah, viesses tu, doce luar,
Envolver minha última dor!
Tu, que por noites adentro
Esperei a esta banca, atento:
Sobre a livralhada babilónica
Vinhas, amiga melancólica!
Ah, pudesse eu por esses cumes
Andar sob teus brandos lumes,
Pairar em grutas com seres alados,
Ao teu crepúsculo errar pelos prados,
E, livre das névoas do saber,
Em teu orvalho renascer!

Horror! Estou ainda encarcerado,
Neste maldito antro abafado.
Até a luz celestial
Se turva ao entrar pelo vitral!
Por pilhas de livros limitado,
Que o pó recobre e as traças roem,
E até ao tecto abobadado
É só papel que fumos corroem;
À minha volta há caixas, redomas,
Instrumentos já não cabem mais,
Quinquilharias ancestrais —
É este o teu mundo! Um mundo lhe chamas!

E ainda estranhas que o coração
No peito se te aperte angustiado?
E que uma dor assim sem razão
Da vida te traga apartado?
Em lugar da viva Natura,
Das criaturas por Deus criadas,
Cercam-te a podridão mais escura,
Bichos mortos e humanas ossadas.

Foge para os campos abertos! Vamos!
E este livro do último selo,
Da própria mão de Nostradamus,
Não te chega como guia tê-lo?
O curso dos astros te revelará,
E se a Natureza bem te iniciar,

A luz da alma em ti se abrirá,
Como um espírito com outro a falar.
Em vão este seco cismar
Te mostrará os sinais sagrados:
Sinto-vos, Espíritos, a rondar,
Respondei-me, se tendes ouvidos!

Abre o livro e depara com o signo do Macrocosmo.

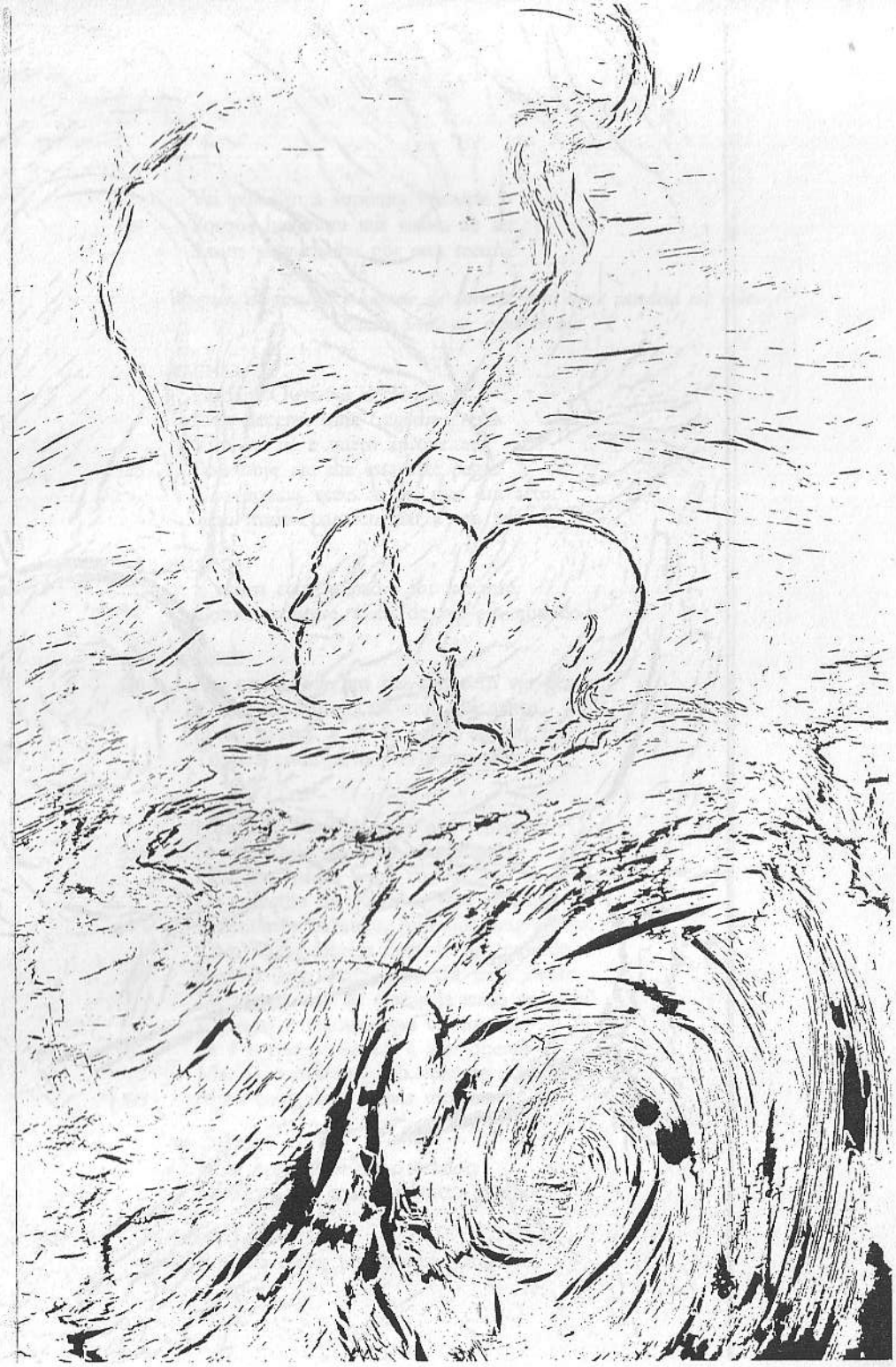
Ah, que volúpia de súbito invade
A tal vista todos os meus sentidos!
Sinto nova e sagrada felicidade,
Correr por nervos, veias, fogo vivo.
Estes sinais, foi um deus que os traçou?
Serenam-me o tumulto interior,
Meu pobre coração vão alegrar,
E num impulso que o mistério chamou
Expõem as forças da Natura em meu redor.
Serei um Deus? É tanta a luz em mim!
Nestes traços puros estou a ver
A Natureza activa abrindo-se ao meu ser,
E sei por que falou o sábio assim:
«A casa dos Espíritos inda aberta está,
E em ti nem razão nem alma mora!
Ergue-te, discípulo, e mergulha já
O peito terreno no rubor da aurora!»

Contempla o signo.

Como de tudo se tece o Todo,
E agem e vivem os seres no mundo!
E as forças celestes encadeando
Os vasos de ouro, subindo e baixando!
Em fragrância de asas descia
Uma bênção do céu, e já se ouvia
Em todo este Todo uma harmonia!

Que espectáculo! Mas ai, só ilude e imita!
Como chegar-te ao fundo, Natureza infinita?
E a vós, seios, fontes de vida do Universo,
De quem depende a Terra inteira e o Céu?
Por vós, já seco, anseia o peito meu —
Vós brotais, vós nutris, e eu em dor imerso!

Folheia o livro, impaciente, e depara com o signo do Espírito da Terra.



Ah, com este sinal sinto que me renovo!
Génio da Terra, que perto te sinto!
Há uma força por mim subindo,
Há um fogo de vinho novo,
Sinto coragem para o mundo enfrentar,
A dor desta terra e o prazer,
Para com tempestades me bater
Sem temor do naufrágio e seu ranger.
Cresce uma nuvem sobre mim —
A Lua esconde a sua luz —
Desmaia a lâmpada!
Sobem vapores! — Faíscam raios vermelhos
Envolvendo-me a fronte — Sopra
Da alta abóbada um frio sopro
Que me envolve!
Sinto-te à minha volta, Espírito invocado.
Revela-te!
Ah, tenho o coração dilacerado!
Anseiam todos os meus sentidos
Por frémitos nunca vividos!
Meu coração é teu, não se intimida!
Mostra-te — nem que isso a mim me custe a vida!

Pega no livro e pronuncia misteriosamente o signo do Espírito. Irrompe uma chama avermelhada, o Espírito aparece na chama.

ESPÍRITO:
Quem me chama?

FAUSTO *(desviando o rosto)*:
Horrenda visão!

ESPÍRITO:
Com tal poder a ti me atraíste,
A minha esfera tanto tempo hauriste,
E agora —

FAUSTO:
Ah, não te suporto, não!

ESPÍRITO:
Perdes o fôlego implorando que queres

Ver-me e ouvir-me, contemplar-me o rosto;
Acedo ao forte apelo, e é com gosto
Que aqui me tens! — Que mesquinhos temores
Te assaltam, super-homem? E esse grito
Da alma que gerou um mundo, feito
Para si, dele cuidou, e que tremeu
De alegria, pensando ser como eu?
Onde estás, Fausto, tu, cuja voz ouvi,
Ingente, voltando-se para mim?
És tu aquele que, no meu sopro envolto,
Como um verme apavorado e torto
No mais fundo de ti tremes então?

FAUSTO:
De ti, ó ígnea imagem, não me escudo!
Sou eu, sou Fausto, igual a ti em tudo!

ESPÍRITO:
Nas vagas da vida, vendavais de acção,
Me vês subir, descer,
Tecer fios neste pano!
Nascer e morrer,
Eterno oceano,
Alternando a trama,
A vida uma chama,
E sentado ao tear vibrante do Tempo
Teço à divindade o seu manto vivo.

FAUSTO:
Tu, que a vastidão do mundo envolves,
Génio da acção, que perto estou de ti!

ESPÍRITO:
Tu és igual ao espírito que entendes,
Não a mim! *(Desaparece.)*

FAUSTO *(prostrado)*:
Não a ti?
A quem então?
Eu, imagem da própria divindade,
E nem a ti igual?
(Batem à porta.)
Oh, morte! O meu fâmulo — este bater

Vai pôr fim à suprema ventura!
Porque haveriam tais visões de ser
Assim perturbadas por esta secura?

Wagner, de roupão e barrete de dormir, com uma candeia na mão. Fausto volta-se, contrariado.

WAGNER:
Perdão! Ouvi-vos declamar;
Líeis decerto uma tragédia grega.
Vim até cá e quero aproveitar.
Pois hoje em dia essa arte pega.
Não poucas vezes se diz que um actor
Tem muito para ensinar a um prior.

FAUSTO:
E assim é, se o padre for farsante,
Como acontece, aliás, de vez em quando.

WAGNER:
Ah, quem vive em sua cela sem ver gente,
E mal ao mundo sai num dia santo,
Quem nunca o vê de perto, só em vão
Tentará conduzi-lo pela persuasão.

FAUSTO:
Nunca lá chegarás se o não sentires,
Se do fundo da alma não brotar
Para, de ânimo forte, convenceres
Os corações de quem te vem escutar.
Sedentários crónicos, juntando fragmentos,
Com restos alheios fazendo um guisado,
Soprais uma chama sem cor nem alento
De um monte de cinzas já meio apagado!
Crianças e macacos vos admirarão,
Se é o que vos apraz e isso quereis —
Mas se o discurso não vem do coração
Alma com alma jamais unireis.

WAGNER:
Uma boa tirada faz o orador;
Disso sei eu, mas falta-me o melhor.

FAUSTO:
Procura então um honesto proveito,

Não sejas bobo tangendo muito guizo!
Não há mister de grande arte nem jeito
Para se mostrar razão e são juízo;
Se na verdade tens algo para dizer
Não são palavras que te irão valer.
Esses vossos discursos tão brilhantes,
Adereços ocos de iludir os mortais,
São ventos áridos e rumorejantes
Soprando em secas florestas outonais!

WAGNER:
Deus meu! É longa a arte
E curta a nossa vida.
Não poupo esforços, mas sinto que ainda
A cabeça receia e o coração se parte.
Como é penoso aos meios apropriados
Chegar para ir beber às fontes!
Fazemos meio caminho, mas já antes
Um pobre diabo tem os dias contados.

FAUSTO:
O pergaminho — será fonte sagrada
Onde de um trago a sede saciar?
O teu alívio será igual a nada
Se da própria alma te não brotar.

WAGNER:
Perdoai, mas dá grande prazer
No espírito dos tempos mergulhar,
Ver como antes de nós homens sábios pensaram
E a que ponto as nossas gerações chegaram.

FAUSTO:
Ah, sim! Até ao céu estrelado!
Meu caro amigo, os tempos do passado
Para nós um livro são, de sete selos.
O espírito dos tempos que se acende
Em vós é só a vossa própria mente,
Onde os tempos se mostram como em espelhos.
E então é que se vêem as misérias
Do mundo, e apetece fugir delas!
Trastes velhos, escórias deletérias,
Talvez solene farsa, como aquelas
Que, cheias de pragmáticos rifões,
Dão voz a marionetas e truões!

WAGNER:
Mas — e o mundo? A alma e a mente humanas?
Quem há que não aspire a conhecê-las?

FAUSTO:
Pois é, se conhecer a isso chamas...
Essas coisas, quem pode nomeá-las?
Os raros eleitos que um pouco as conheceram
E, loucos, abriram os seus corações,
À plebe revelando sentimentos, visões,
Esses sempre pelo fogo ou na cruz morreram.
Vai alta a noite, amigo, de maneira
Que vos peço: vamos aqui parar.

WAGNER:
Eu cá por mim velara a noite inteira,
Para convosco doutamente conversar.
Mas amanhã é Páscoa, e eu vou querer
Uma pergunta ou outra vos fazer.
Com grande zelo me entreguei ao estudo,
Sei muito já, mas quero saber tudo. *(Sai.)*

FAUSTO *(só)*:
Estranha cabeça, que não perde a esperança,
Presa de temas ocos, transitórios,
Com mão ávida procurando tesouros
E exultando, se um simples verme alcança!

Ousa a voz de um tal homem ecoar
No espaço que mil espíritos encerra?
Seja! É agora até graças quero dar
Ao mais humilde dos filhos da Terra.
Ao desespero me vieste arrancar
Que ameaçava destruir-me a razão.
Ah, a visão foi tão espectacular
Que em face dela me senti um anão!

Eu, da divindade a imagem ideal,
Já frente ao espelho da eterna verdade,
Fruindo dos céus o brilho e a claridade,
E deixando para trás o ser mortal;
Eu, mais que querubim, que me julguei

Pelas veias da Natura já a correr
E, criador, me aventurei a imaginar
Que era um deus — tudo isso vou expiar!
Uma palavra fulminante... e claudiquei.

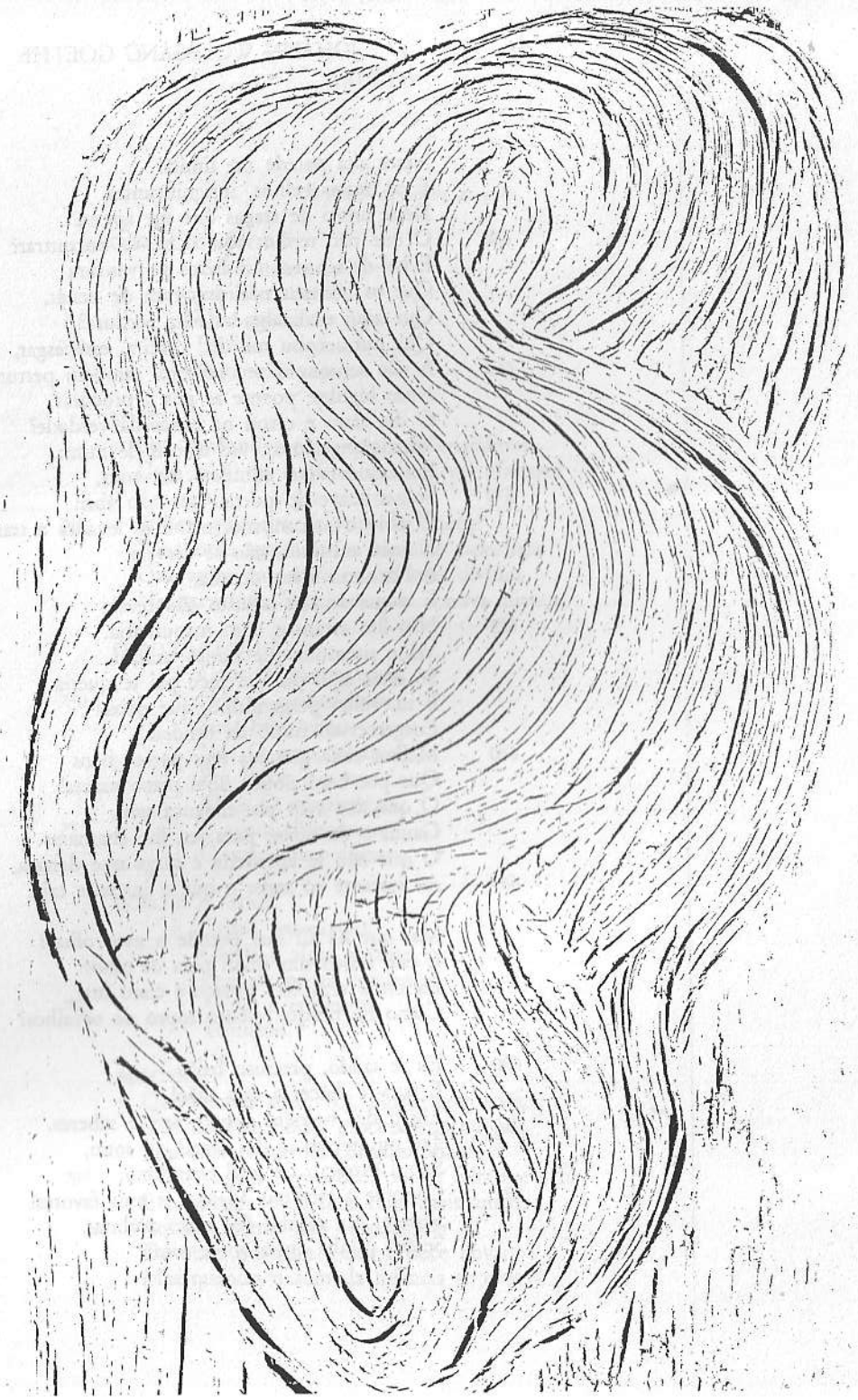
Sei bem que a ti me não posso igualar:
Se tive força para te invocar,
Força para te reter não encontrei.
No sublime sentir daquele instante,
Tão pequeno, tão grande me senti;
Mas tu me rejeitaste cruelmente,
No mar da vida humana me perdi.
Quem me guiará? Que rumo evitarei?
E aquele impulso, devo segui-lo ainda?
Ah, nossos actos, e nossas dores também,
Entravam toda a marcha desta vida.

Ao que o espírito engendra de mais alto
Matéria estranha mais e mais se apega;
Quando o bom da existência nos é dado,
Como erro e engano o melhor se nos nega.
E os sentimentos nobres que a vida geraram
Nos vórtices terrenos se enredaram.

Antes, em voo ousado, a imaginação
Subia até aos céus, plena de alento:
Hoje basta um estreito espaço para a ilusão
Se afundar nos abismos do tempo.
Logo o cuidado se aninha bem dentro
Do peito e traz secreto sofrimento;
Balança inquieto, estorva prazer e paz,
São sempre novas as máscaras que traz:
É casa e bens, mulher, os filhos que tiverdes,
Água, fogo, punhal, veneno, eu sei lá;
E tu tremes com medo do que nunca virá,
E choras sem cessar aquilo que não perdes.

Não sou igual aos deuses, bem o sinto;
Ao verme sou igual, em pó envolto,
Que no pó onde vive, indiferente,
É esmagado pelo pé do viandante.

Não será pó então o que em cem estantes



Nesta alta parede me limita?
E os trastes velhos, insignificantes,
Deste antro de traças que me aperta?
O que não tenho, aqui o hei-de encontrar?
E hei-de ler em mil livros porventura
Que os homens não deixaram de penar,
Que aqui e ali alguém feliz perdura?
Que outra coisa me diz, caveira, esse esgar,
A não ser que o teu cérebro, também perturbado,
Num lúgubre poente se pôs a procurar
O dia claro e errou na busca da verdade?
Vós, instrumentos, vós troçais de mim;
Rodas dentadas, cilindros, alavanca,
Sois a chave do portão que não abri:
É sábio o mecanismo, mas não levanta a tranca.
No seu mistério, não se desvela
A Natureza à luz do dia;
E o que ao teu espírito não revela
Não lho arrancas com maquinaria.
Velho utensílio que nunca utilizei,
Só estás aqui porque meu pai te queria.
E tu, velho pergaminho, que deixei
Enegrecer ao fumo da candeia.
Melhor seria gastares teus parcos bens
Que por bem pouco aqui preso suares!
O que dos avós por herança tens,
Ganha-o de novo, para teu lhe chamares.
O que não se aproveita é carga que derreia,
Ao instante só serve o que o instante cria.

Mas que há ali que prende o meu olhar?
É este frasco um íman para os olhos?
De onde vem este brusco e claro luar,
Como no bosque escuro sopro de orvalhos?

Eu te saúdo, precioso balão,
E faço-te descer a esta mão!
Em ti dos homens venero arte e saberes.
Tu, quintessência das seivas do sono,
Subtil extracto de letal abandono,
Concede a este teu Mestre os teus favores!
Vejo-te, e a minha dor sinto acalmar,
Serena minha ânsia ao te tocar,

A torrente do espírito sustém sua voragem.
Sou levado para o mar alto sem escolhos,
A meus pés espraiam-se ondas em espelhos,
Um novo dia me chama a nova margem.

Desce um carro de fogo sobre mim
Em asas leves! Sinto em mim a vontade
De seguir nova órbita sem fim,
Em novas esferas de pura actividade.
Ah, sublime viver, prazer divino!
Verme ainda há pouco, como os podes merecer?
Sim, é tempo de ao doce Sol terreno
Resoluto e firme costas voltar!
Ganha coragem e franqueia os portões
De que cada um foge mal os enxerga.
É tempo agora de mostrar com acções
Que brio humano aos deuses se não verga,
De encarar sem temor a gruta escura
Onde a imaginação a si própria se ateia,
E a passagem estreita enfim procura
Em torno a cuja boca o Inferno se incendeia;
Decide-te, sereno, a essa jornada,
Com risco embora de te afundares no Nada.

Vem então, taça pura de cristal!
Abandona esse teu estojo ancestral,
Onde estes anos te deixei ficar!
Cintilaste nas festas de meus pais,
Animando os sisudos comensais,
E aí de mão em mão te vi passar.
De teus ornatos a riqueza sem par,
As descrições em verso daquele que bebia,
O esvaziar de um trago a concha cheia,
Noites de juventude me vêm lembrar.
Hoje a vizinho algum hei-de legar-te,
E meu engenho não explora a tua arte.
Este é o filtro para logo embriagar;
Maré castanha enchendo a cavidade.
Eu, que te preparei, te escolho em liberdade,
Último trago na hora da verdade,
Para, em preclaro brinde, a aurora saudar.

Leva a taça à boca.

Repicar de sinos e coros.

CORO DOS ANJOS:

Cristo ressuscitou!
Jubila o mortal,
Que do fatal,
Pérfido, original
Erro se libertou.

FAUSTO:

Que profundos ecos, que sons cristalinos
Com tal força o cálice da boca me afastam?
Anunciais já, ó graves sinos,
A hora primeira da festa de Páscoa?
Vós, coros, cantais já o hino de esperança
Que anjos entoaram em acordes divinos
Nas trevas do Sepulcro, para a nova aliança?

CORO DAS MULHERES:

Com fragrantes ervas
Nós O perfumámos,
Suas fiéis servas,
Nós O amortalhámos;
Em faixas e panos
Alvos O envolvemos,
E agora choramos
Cristo, que perdemos.

CORO DOS ANJOS:

Cristo ressuscitou!
Glória à alma amante
Que da prova cruciante,
Árdua e edificante
Triunfou.

FAUSTO:

Que quereis aqui, vós, portentosos sons,
Que do céu vindes procurar-me no pó?
Soai antes onde há corações bons.
A mensagem bem ouço, porém falta-me a fé.
E o milagre é da fé o filho mais amado.
Àquelas esferas não ouso aspirar
De onde me vem a boa e doce nova;
Mas quando o som da infância se renova

À vida novamente quero voltar.
Então descia sobre mim a bênção
Do Céu, na paz do Sábado, serena,
E a voz dos sinos, de presságios plena,
E era um prazer fogoso a oração;
Um indizível anseio me impelia
A florestas e campos percorrer,
E entre lágrimas ardentes sentia
Que em mim um mundo começava a nascer.
O canto veio lembrar-me os jogos da infância,
Da Primavera a festa livre da alegria;
O ânimo infantil sustenta-me a lembrança
Que do derradeiro passo me desvia.
Ressoai, ressoai, doces hinos do Céu!
Lágrima, corre! Terra, aqui estou eu!

CORO DOS DISCÍPULOS:

Se da sepultura
O Senhor se ergueu
E vive na altura
Sublime do Céu;
Se no êxtase do devir
Chega ao gozo de criar:
Nós, que temos de sofrer
Na Terra iremos ficar.
Nós, os Seus, ficamos
Em desesperança;
Ah, Mestre, choramos-
-Te a bem-aventurança!

CORO DOS ANJOS:

Cristo ressuscitou,
Da corrupção mortal.
E assim nos livrou
Dos laços do Mal!
Para vós que O louvais
Com obras e O amais,
Fraternos vos dais,
Pelo mundo pregais
E o Céu anunciais,
Ele vem perto já:
O Mestre aí está!

DIANTE DAS PORTAS DA CIDADE

Grupos de passeantes de todas as camadas sociais, saindo da cidade.

GRUPO DE APRENDIZES:
Aonde ides, com toda essa pressa?

OUTROS:
Vamos até ao pavilhão de caça.

OS PRIMEIROS:
Nós cá vamos para os lados do moinho.

UM APRENDIZ:
Ninguém quer ir à Estalagem do Lago?

O SEGUNDO:
O caminho para lá é que é o diabo!

O SEGUNDO GRUPO:
E tu?

UM TERCEIRO:
— Vou com eles, não fico sozinho!

QUARTO:
E a Burgdorf, quem é que vai comigo?
A cerveja é da boa, as moças nem vos digo,
E para brigas não há sítio melhor.

QUINTO:
Olhem só que pândego tu és!
Queres ser zurzido pela terceira vez?
Eu cá não vou, não gosto do lugar.

CRIADINHA:
Não, não! Por mim volto à cidade.

OUTRA:
Vês os choupos além? Ele está lá!

A PRIMEIRA:
E em que serve isso a minha felicidade?
Já sei que é só contigo que ele irá,
No baile é a ti que busca, se lá fores.
Que tenho eu a ver com os teus amores?

A OUTRA:
Mas olha que hoje vem acompanhado,
Disse-me que trazia o encaracolado!

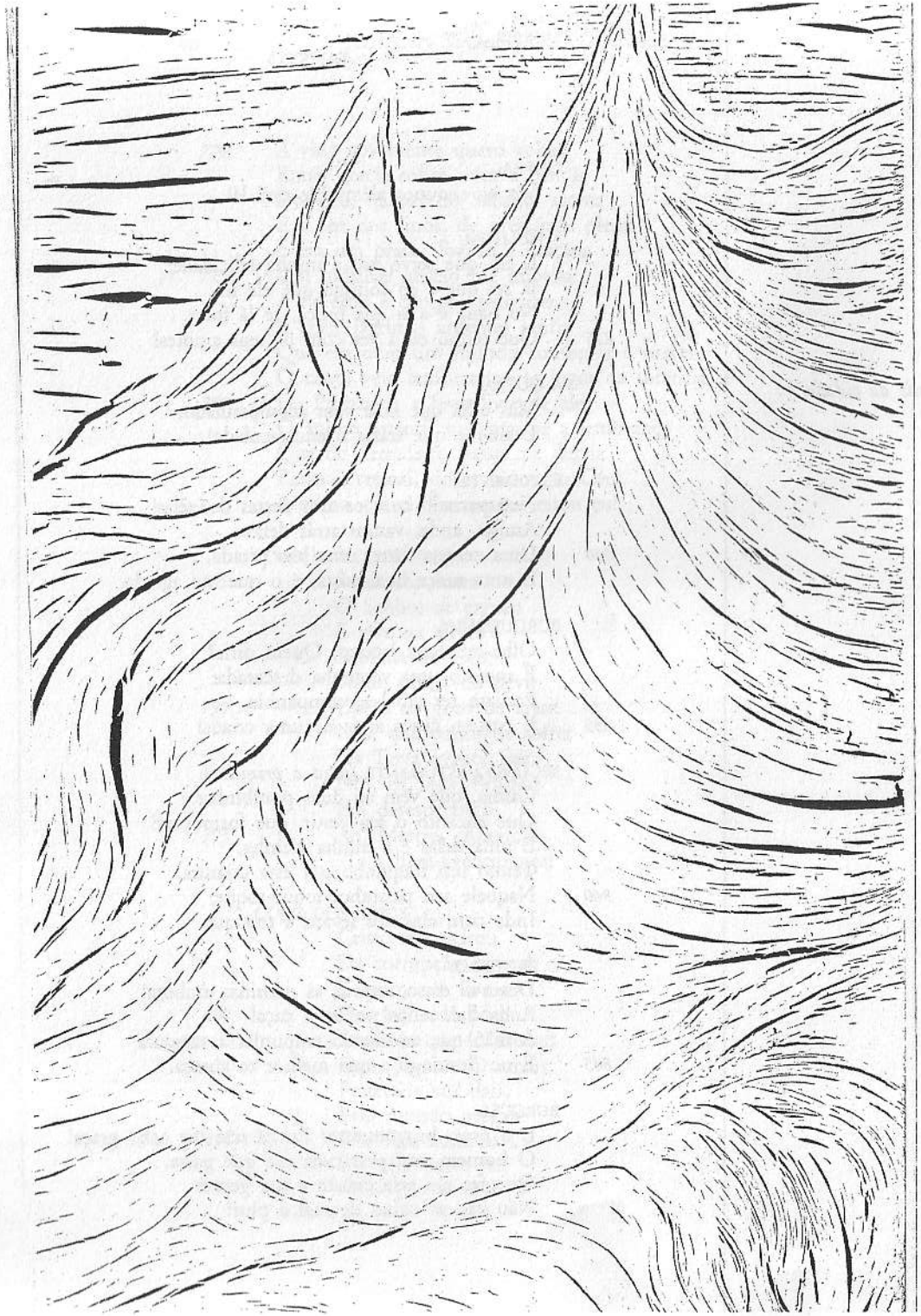
ESTUDANTE:
Fico passado com os ares destas donzelas!
Amigo, anda, vamos atrás delas.
Uma cerveja forte, uma boa pitada,
E uma moça bem-posta, é o que me agrada.

BURGUESINHA:
Olha-me estes janotas! Quem diria?
É mesmo uma vergonha descarada:
Podiam ter tão boa companhia,
E correm cegos atrás de uma criada!

SEGUNDO ESTUDANTE *(para o primeiro)*:
Calma, que vêm ali duas pombinhas.
Que encanto o seu vestir, que formosura!
E uma delas é a minha vizinha,
Tenho um fraquinho por esta criatura.
Naquele seu passinho, toque-toque,
Inda com elas nos levam a reboque.

O PRIMEIRO:
Deixa-te disso, manda as meninas embora!
Anda daí, senão perdes a caça!
A mão que ao sábado empunha a vassoura
É no domingo a que melhor te abraça.

BURGUÊS:
E o novo burgomestre? Eu cá não lhe acho graça!
O homem está pior cada dia que passa.
Que faz ele pela cidade e sua gente?
Não vão as coisas de mal a pior?



Mais do que nunca, temos de obedecer
E pagamos muito mais que antigamente.

MENDIGO *(cantando)*:
Meus bons senhores, damas tão belas,
Assim bem-postos, de boas cores,
Dignai-vos ver minhas mazelas,
E aliviai as minhas dores!
Não me deixeis em vão queixar!
Se toda a gente hoje festeja,
Que feliz seja quem pode dar
E que a minha colheita se veja.

OUTRO BURGUÊS:
Não há nada melhor, nos dias do Senhor,
Que uma conversa de pelejas e guerras,
Se na Turquia, longe das nossas terras,
Os exércitos se chocam com fragor.
Um homem bebe o seu copo com gosto,
Vendo à janela as barcas que o rio traz;
À noite volta a casa bem-disposto,
Louvando os tempos de tréguas e a paz.

TERCEIRO BURGUÊS:
Deste o mote, vizinho, eu faço a glosa:
Eles que se abram as cabeças amiúde!
O mundo pode andar em polvorosa,
Desde que cá por casa nada mude.

VELHA *(para as burguesinhas)*:
Ai, estas mocinhas, tão frescas, tão lindas!
Quem não se embasbaca ao vê-las, digam lá?
Pronto! Não se ponham assim desavindas,
Que o que vocês querem sei eu onde está!

BURGUESINHA:
Ágata, não pares, que eu não quero ser
Vista com tais bruxas na rua a falar!
Mas olha, foi ela quem me deu a ver
Pelo Santo André o meu futuro amor.

A OUTRA:
E o meu apareceu na bola de cristal,
Galhardo soldado em boa companhia;

Eu bem o procuro, mas, para meu mal,
Ele não se mostra, de noite nem dia.

SOLDADOS:

Castelos, muralhas,
Ameias no ar,
E moças esquivas
Em todo o esplendor
Eu vou conquistar!
A empresa é ousada,
Mas bem compensada!

E o clarim que toque
Para arregimentar
Soldados para a glória,
Guerreiros para morrer.
Isto é que é peleja!
Isto é que é viver!
Castelos e moças
Têm de se render.
A empresa é ousada,
Mas bem compensada!
E os soldados passam
Em marcha aprumada.

Fausto e Wagner.

FAUSTO:

Do gelo livres estão rio e represa,
Pelo doce e vivo olhar da Primavera;
No vale o verde é esperança, a sorte espera,
E o velho Inverno, tomado de fraqueza,
Para as agrestes montanhas se retira.
E daí manda apenas, já distante,
Em grãos de gelo chuva que não perdura
E se perde pelo prado verdejante;
Mas já o Sol o branco não atura,
Por toda a parte irrompe vida e força
E ele a tudo dá cor, tudo remoça;
Está nua ainda de flores a campina
Por isso o povo em festa ele ilumina.
Volta-te e olha do alto deste monte
Para a cidade que tens à tua frente.
Já vai saindo pela porta ensombrada

Um mar de gente garrida e animada.
Todos saem para o sol e seu calor,
Festejando o regresso do Senhor.
Ressuscitaram hoje eles também:
De casas baixas com quartos abafados,
De ofícios em que todos são reféns,
Da opressão de empenas e telhados,
De ruas estreitas, apertos e encontrões,
Da noite das igrejas, veneranda,
Saíram todos para a luz que o céu manda.
Olha! Olha só como estas multidões
Enchem, ligeiras, os campos e jardins,
Como no rio, largo e comprido, legiões
São embaladas em alegres bergantins!
Cheia de gente, quase a afundar-se, prenha,
Lá vai a última barca a deslizar.
E até mesmo nos carreiros da montanha
Há vestes coloridas a brilhar.
Já sinto a aldeia em todos seus ruídos,
É o céu do povo a entrar-me pelos ouvidos,
Grandes, pequenos, que dá gosto vê-lo:
Aqui, sim, sou homem, aqui posso sê-lo!

WAGNER:

Senhor Doutor, convosco passear
É uma honra, e muito me aproveita;
Mas eu nunca viria aqui parar,
Pois o que é rude jamais me deleita.
Rabecas, gritos e jogos de bola,
É tudo o que mais posso detestar;
Toda esta gente, possessa, se rebola,
E depois diz que é festa, que é cantar.

CAMPONESES *debaixo da tília.*
Danças e cantares.

Pronto para a dança está o pastor,
Jaleca, galão, fitas de cor.
É um brinco o seu trajar.
Já sob a tília o espaço é pouco,
E o povo dança como louco.
Gira, gira!
Torna a girar! E vira!
E a rabeca sem parar.

Num rompante entra, e é vê-lo
A tocar leve com o cotovelo
Na pastora a bailar.
Dá meia volta a esperta moça
E diz: «Não te acho nenhuma graça!»
Gira, gira!
Torna a girar! E vira!
Vê lá se aprendes a estar!

Mas a roda girava perfeita,
Ora à esquerda, ora à direita,
E as saias no ar!
Fogo no corpo, rosto corado,
Depois o repouso, de braço dado.
Gira, gira!
Torna a girar! E vira!
Cotovelo e anca a roçar.

E não te chegues cá tão perto!
Ficou muita noiva de homem esperto
Já de mãos a abanar!
Mas ele lá a leva para um canto,
E da tília soa entretanto:
Gira, gira!
Torna a girar! E vira!
Canto e rabeca a tocar.

VELHO CAMPONÊS:
Senhor Doutor, já é bondade
Não desdenhardes neste dia
Descer até ao meio do povo,
Sendo homem de tal sabedoria.
Tomai então a rica taça
Que de bebida fresca enchi;
A vós a ergo, e é meu desejo
Que mais que a sede mate: por mim
Peço a Deus que as gotas que contém
Aos vossos dias se acrescentem.

FAUSTO:
Aceito a taça, e agradeço
Com os melhores votos o vosso apreço.

O povo junta-se em círculo à sua volta.

VELHO CAMPONÊS:
É sem dúvida uma boa coisa
Podermos ver-vos neste dia;
A vós, que nunca nos faltastes
Antes, nas horas da agonia!
Muitos dos que hoje aqui estão vivos
Foi vosso pai que os arrancou
À fúria dos febrões ardentes,
Quando com a peste acabou.
Então já vós, ainda moço,
Os enfermos íeis visitar;
Muitos mortos se viam sair,
Mas vós conseguistes escapar,
Passando das provas a pior;
A quem salva ajuda o Salvador.

TODOS:
Ao grande sábio vida e saúde,
Para que muitos anos nos ajude!

FAUSTO:
Venerai a bondade divina,
Que ajuda e a ajudar ensina.

Continua o seu caminho com Wagner.

WAGNER:
Calculo o que tu sentes, grande homem,
Ao ver o povo assim prestar-te preito!
Muito feliz deve ser quem
De seus dotes tira tal proveito!
Mostra-te o pai o seu rebento,
Gente pergunta, acorre, avança,
Pára a rabeca, queda-se a dança.
Tu passas, e em alas é vê-los,
Atiram os barretes ao vento,
E por pouco não caem de joelhos,
Como se passasse o Sacramento.

FAUSTO:
Uns passos mais, até à pedra, a descansar
Da nossa longa peregrinação.

Quanta vez, só, para aqui vim meditar,
Entregue ao jejum e à oração.
Cheio de esperanças, firme na fé,
Pensava conseguir do Pai Celeste,
Com mãos erguidas, lágrimas e até
Suspiros, o fim daquela peste.
Este aplauso que hoje sobre mim cai
Soa-me a escárnio. Ah, se tu pudesses
Ler na minh'alma, e ver que filho e pai
Não foram dignos de louvores como esses!
Meu pai foi homem bom, de porte estranho,
Que honestamente, mas à sua maneira,
A Natureza e sua sacra esfera
Estudava com quimérico empenho;
Ele e o grupo dos iniciados,
Ensaiando velhos receituários,
Na sua negra cozinha encerrados
Procuravam fundir os contrários.
E o vermelho Leão, o pretendente
Ousado, em banho tíbio foi casado
À Flor-de-Lis, e o par, em fogo ardente,
De alcova em alcova transmutado.
Em espectro colorido então surgia
A jovem rainha no cristal.
Era o remédio: os doentes morriam
E ninguém perguntava quem escapou do mal.
E assim fomos ceifando nestes casais
E montes com as drogas infernais
Mais vidas do que a própria epidemia.
A muitos o veneno eu próprio fui servir:
Eles morreram, e eu fiquei para assistir
Ao louvor dos assassinos neste dia.

WAGNER:
Porque ficais assim atormentado?
Não bastará então que homem honesto
Exerça em consciência, e lesto,
Arte e ofício por seus pais legado?
Se, enquanto jovem, o teu pai honrares,
Dele a lição saberás receber;
E se, homem feito, a ciência aumentares,
Também teu filho a fará progredir.

FAUSTO:
Bem feliz é aquele que inda espera

Poder sair deste mar de enganos!
Mas o mais útil é o que se ignora,
E o que se sabe o que nos serve menos.
Mas não deixemos que tal melancolia
Nos venha perturbar tão bela hora!
Repara como o sol, ao fim do dia,
No verde e nas cabanas reverbera.
Nasce e apaga-se, mais um dia passou,
Noutros lugares vai nascer nova vida.
Ah, se com asas eu me erguesse em voo
Para segui-lo na sua rota infinda!
Veria então, no eterno poente,
O mundo em sono, a meus pés deitado,
Em fogo os cumes, o vale silente,
O arroio argênteo entrar no rio dourado.
Nada sustera então o périplo divino,
Nem os abismos das montanhas bravias:
Os meus olhos, em cálidas baías,
Caem de espanto no mar cristalino.
Mas pouco a pouco o deus vai-se afundando,
E nasce em mim novo deleite;
Sigo-lhe o rasto, a eterna luz bebendo,
À minha frente o dia, atrás a noite,
Em baixo as ondas, em cima a esfera etérea,
Um belo sonho, enquanto ele se esvai.
Mas às asas do espírito não vai
Juntar-se facilmente asa corpórea.
E, apesar disso, foi-nos dado à nascença
O querer mais longe e alto ir nossa alma,
Quando sobre nós a cotovia lança
Seu grito na tarde azul e calma;
Ou quando a águia, sobre altos abetos,
De asas estendidas vem pairando,
E sobre lagos e plainos desertos
O grou para a pátria vai voando.

WAGNER:
Horas tenho também de devaneio,
Mas tal aspiração nunca me veio.
Contente fica quem os campos olha;
Asas de pássaro nunca as hei-de invejar.
Mas outra coisa é o espírito a levar-
-nos de livro em livro, de folha em folha!
Assim se adoçam no Inverno as noites frias,

Os membros sentem o sopro abençoado,
E se um douto pergaminho folheias
Desce sobre ti o céu estrelado.

FAUSTO:
Não conheces mais que uma aspiração,
Da outra melhor é nada saber!
Duas almas tenho em meu coração,
Uma da outra a querer-se separar:
Uma apega-se, em paixão rasteira,
Com todos os seus órgãos à matéria;
A outra quer erguer-se da poeira
E subir ao reino da sua origem etérea.
Oh, se existem espíritos do ar
Que entre a Terra e o Céu têm assento
Que se dignem da nuvem de ouro descer
Para me dar nova vida e novo alento!
Ah, tivesse eu um manto de magia
Que a longes terras me pudesse levar!
Nem pela mais rica veste o ia dar,
Nem por manto real o trocaria!

WAGNER:
Não invoques a conhecida tropa
Que pelos ares em torrentes se espalha,
E em tecer perigos só se ocupa
Ao homem, que não tem quem lhe valha.
Do Norte lança o Espírito o seu dente
Sobre ti com mil línguas aceradas;
Outros, sedentos, vêm do Oriente
Arrancar-te os pulmões às dentadas;
Se do Meio-dia o deserto os manda
Fogo sobre a cabeça te lançar,
Já do Ocidente vem a fresca sarabanda,
Para logo gente e campos afogar.
São todo ouvidos, e enganam, traiçoeiros,
São bem mandados, e no mal bem se sentem;
Do Céu dizem ser mensageiros,
E têm voz de anjo quando mentem.
Mas faz-se tarde, e o mundo pardacento,
Já o ar esfria e fica nevoento!
É à noite que a casa sabe bem. —
Mas, porque paras, de olhos postos além?
Que há na penumbra que assim tanto te atrai?

FAUSTO:
Vês o cão negro que pela seara vai?

WAGNER:
Há muito já que o vi, parece-me normal.

FAUSTO:
Observa-o bem! Que vês no animal?

WAGNER:
Um cão-d'água que, como os demais,
O rasto de seu dono anda buscando.

FAUSTO:
Estás vendo como, em largas espirais,
Ele se acerca e a nós se vai chegando?
E se não erro, há um rasto de fogo
Que vai deixando à sua passagem.

WAGNER:
Mais que um cão-d'água preto ver não logro;
O que avistais é decerto miragem.

FAUSTO:
Parece que nos ata os pés com laços
Subtis e mágicos, para nos prender.

WAGNER:
Incerto e a medo segue nossos passos,
Por em vez de seu dono estranhos ver.

FAUSTO:
O círculo estreita, está quase a nossos pés!

WAGNER:
É cão e não fantasma o que aí vês.
Rosna e hesita, roja-se pelo chão,
E dá ao rabo. Tudo coisas de cão.

FAUSTO:
Vem cá! Chega-te e faz-nos companhia!

WAGNER:
É bicho brincalhão, e não há mania

Que lhe falte: se paras, fica à espera,
Se o chamas, agarra-se-te à perna;
Se algo perdes, ele o irá buscar,
Deita um pau à água, e ele o vai apanhar.

FAUSTO:
Tu deves ter razão. Eu é que tento
Ver Espírito onde há só adestramento.

WAGNER:
Ao cão, se foi bem ensinado,
Até um homem sábio é dedicado.
Não regateies então favores nem nada,
Ao distinto aluno da estudantada.

Entram pela porta da cidade.

Mas ah, por mais que queira, minto
Se disser que paz na alma sinto!
Porque há-de a torrente secar tão cedo,
Deixando-nos da sede no degredo?
Isso é experiência que até de mais conheço.
Mas com tais carências posso eu bem,
Aprendemos a estimar o Além,
Para a revelação vai todo o nosso apreço;
E a sua chama não encontra alimento
Mais puro e belo que no Novo Testamento.
Abrir o arquitexto é uma tentação,
Para, com sentir puro e leal,
Verter o sagrado original
No meu tão amado idioma alemão.

Abre um volume e prepara-se para o trabalho.

«Ao princípio era o *Verbo*!», é o que está escrito.
Quem me ajuda? Logo aqui hesito!
Tanto não vale o verbo. Não,
Outra vai ter de ser a tradução,
Se bem me inspira o Espírito. Atento
E leio: «Ao princípio era o *Pensamento*.»
Esta linha tem de ser bem pensada,
Para que a pena não corra apressada!
É o Pensamento que tudo move e cria?
Certo é: «Ao princípio era a *Energia*!»
Mas agora que esta versão escrevi,
Algo me avisa já para não parar aí.
Vale-me o Espírito, já vejo a solução,
E escrevo, confiante: «Ao princípio era a *Acção*!»

Se queres comigo a cela partilhar,
Cachorro, deixa de uivar,
E não ladres assim!
Que um companheiro igual a ti
Não o aturo por perto.
E um de nós, por certo,
Sairá deste quarto.
Lamento quebrar a hospitalidade:
Está aberta a porta, é tua a liberdade.

Mas que vejo afinal?
Pode isto ser coisa natural?
É realidade? É ilusão?
Como cresce e se alarga o cão!
Ergue-se, violento e forte,
De cão não tem a forma nem o porte!
Que assombração vim eu meter em casa?
Presas terríveis, os olhos em brasa,
É hipopótamo, e de que tamanho!
Espera, que já te apanho!
Contra essa raça semi-infernal
Só a chave de Salomão nos vale.

ESPÍRITOS *(no corredor)*:
Preso lá dentro está um!
Ficai de fora, não entre nenhum!
Como a raposa no laço geme,
Um velho lince do Inferno ali treme.
Mas muita atenção!
Voem para cá, tornem a voar,
Subam e desçam no ar,
E ele sairá da prisão!
Se valer lhe podeis,
Não o abandoneis,
Que ele a todos nós
Muitos favores fez!

FAUSTO:
Para enfrentar o monstro obscuro
Dos Quatro vou usar o esconjuro:

Salamandra vai arder,
A Ondina ondear,
O Silfo desaparecer,
O Gnomo se esforçar.

Quem desconhecer
Os elementos,
O seu poder
E os seus portentos,
Mestre não será
Dos Espíritos que há.

Em chamas te apagas,
Salamandra!
Desfaz-te no eco das vagas,
Ondina!
Em brilho meteórico te abrasa,
Silfo!
Traz auxílio à casa,
Incubus! Incubus!
Mostra-te, acaba, sus!

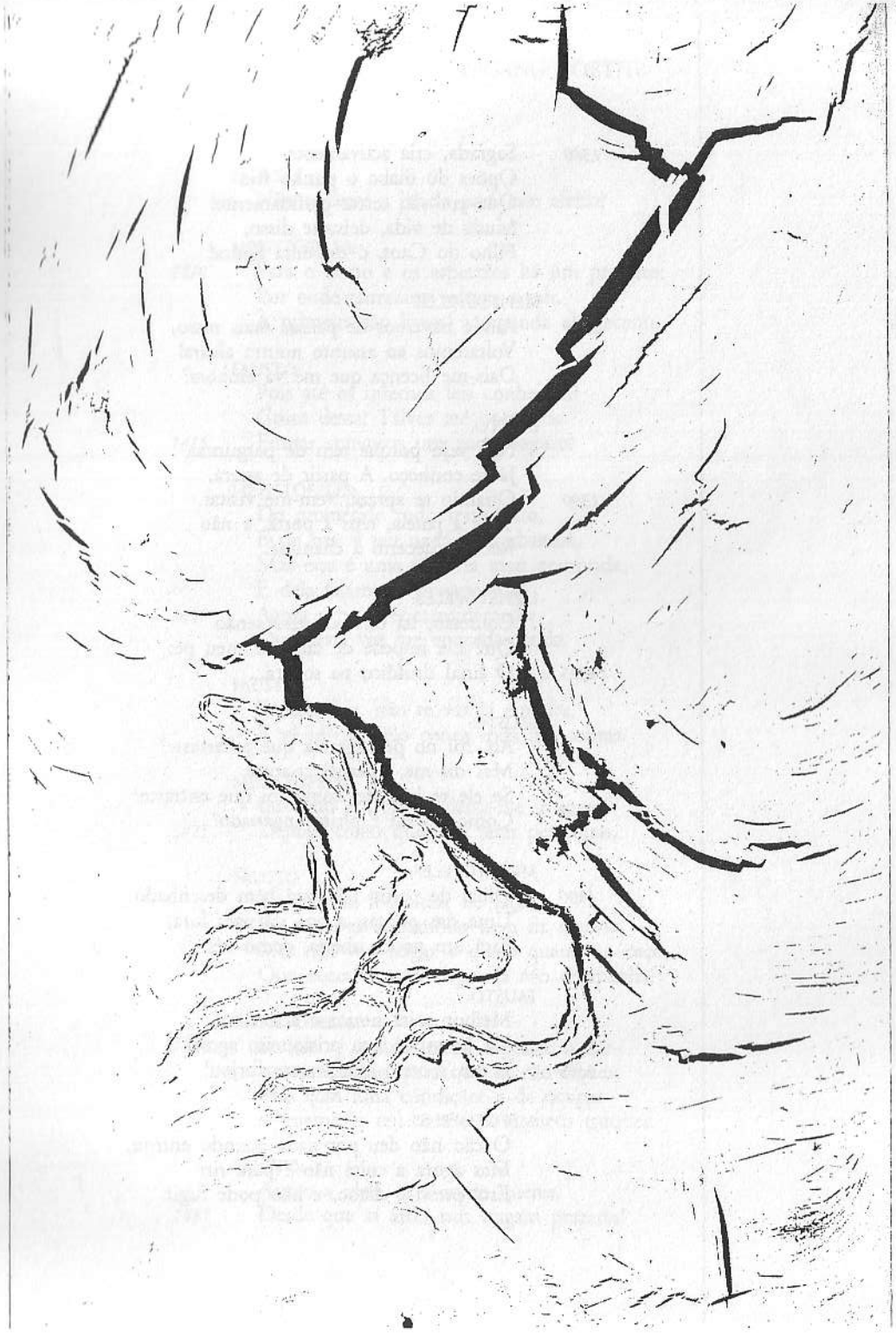
Nenhum dos quatro — e esta! —
Está dentro da besta.
Ali está, quietinho, arreganhando o dente;
Ainda lhe não fiz mal suficiente.
Vou esconjurar-te
Com toda a minha arte.

Vens tu, camarada,
Do Inferno à desfilada?
Olha o sinal então
Que faz prostrar no chão
Os servos do chifrudo!

Vejam como incha, de pêlo hirsuto!

Maldito ser!
Sabe-Lo ler?
O Incriado,
Inominado,
Por todos os céus derramado,
Sacrilegamente trespassado?

Atrás do fogão, o gigante
Entumesce como um elefante,
Já dele o ar está repleto,
Vai-se esfumando em nevoeiro.
Não queiras subir até ao tecto!
Deita-te aos pés do mestre, rafeiro!
Vês que não é vã minha ameaça.
Queres que com santo lume em pó te faça?
Não esperes
Pela tripla luz que abrasa!
Não esperes
Das minhas artes a melhor!



MEFISTÓFELES *(enquanto a névoa se dissipa, sai detrás do fo-*
traje de estudioso medieval vagante):
Porquê o barulho? Estou ao vosso dispor!

FAUSTO:
Era esse então o segredo do cão!
Um bacharel vagante! O caso faz-me rir.

MEFISTÓFELES:
Ao douto mestre a minha saudação!
Fizestes-me suar as estopinhas!

FAUSTO:
Como te chamas?

MEFISTÓFELES:
— Mesquinha é a questão
Para quem tão pouco a palavra preza,
Para quem, longe de toda a ilusão,
Procura a essência só da Natureza.

FAUSTO:
No vosso reino, meu caro, lê-se em geral
No nome a essência, tal e qual.
Pelos títulos vos conhece quem queira:
Deus das moscas, do mal, pai da mentira.
Está bem, quem és então?

MEFISTÓFELES:
— Da força uma parcela
Que sempre quer o Mal e o Bem faz nascer dela.

FAUSTO:
Esse enigma, como o hei-de interpretar?

MEFISTÓFELES:
Eu sou o Espírito que só sabe negar!
E com razão: tudo o que nasce e vês
É digno apenas de morrer outra vez.
Melhor seria, pois, nada nascer.
Assim, tudo o que no vosso dizer
É pecado, ruína, em suma, o Mal —
Esse é o meu elemento original.

FAUSTO:
Tu dizes-te uma parte, e eu inteiro te lobrigo!

MEFISTÓFELES:
Singela é a verdade que te digo.
Se esse pequeno e néscio mundo, o Homem,
Geralmente por um todo se toma —
Eu sou parte da parte que a princípio tudo era,
Uma parte da treva que a luz gera,
A luz altiva que agora, em acesa luta,
À Noite-mãe o primado disputa;
Mas em vão, pois embora esforçada,
Ela aos corpos permanece agrilhoada.
Dos corpos irradia, beleza aos corpos dá,
Um corpo basta para travar-lhe a jornada;
E a minha esperança é que, não tarda nada,
Também ela com os corpos morrerá.

FAUSTO:
Conheço agora tua ilustre missão!
Como no que é grande não tens mão,
Tentas a tua sorte cá em baixo.

MEFISTÓFELES:
E mesmo aí, sabe Deus, é o diacho!
O que se opõe ao Nada, o Ser
Deste mundo tosco que estás a ver,
Por mais que faça, e pouco não é,
Não vejo jeito de nele tomar pé;
Ondas, borrascas, fogos, terramotos —
E terra e mar continuam intactos!
E os homens e os bichos, essa raça maldita?
A esses nem consigo chegar:
Quantos não levei já a enterrar!
E sempre sangue fresco gera nova vida.
E a coisa não pára, é de espumar!
De toda a terra, da água, do ar
Germinam sementes aos milhares,
No húmido ou no seco, quente ou frio!
Não fora a chama, e não teria meio
De ser diferente de tantos outros seres.

FAUSTO:
À força então que, como rio,

Sagrada, cria activamente,
Opões do diabo o punho frio
Que em vão cerras perfidamente!
Muda de vida, deixa-te disso,
Filho do Caos, ó estranha figura!

MEFISTÓFELES:
Ainda havemos de pensar mais nisso,
Voltaremos ao assunto noutra altura!
Dais-me licença que me vá embora?

FAUSTO:
Não vejo porque tens de perguntar.
Já te conheço. A partir de agora,
Quando te apraza, vem-me visitar.
Tens a janela, tens a porta, e não
Recusas decerto a chaminé.

MEFISTÓFELES:
Confesso, há um pequeno senão
Que me impede de sair por meu pé:
O sinal druídico na soleira...

FAUSTO:
Ah, foi no pentagrama que esbarraste?
Mas diz-me, infernal criatura,
Se ele te impede, como foi que entraste?
Como foi tal Espírito enganado?

MEFISTÓFELES:
Olhai de perto: não está bem desenhado,
Uma das pontas, a que dá para fora,
Está um pouco aberta, como vês.

FAUSTO:
Melhor coisa nunca o acaso fez!
Tu és então meu prisioneiro agora?
É um sucesso que a sorte forjou!

MEFISTÓFELES:
O cão não deu por nada quando entrou,
Mas agora a coisa não é para rir:
Está preso o diabo, e não pode fugir.

FAUSTO:
Não te serve a janela para esse efeito?

MEFISTÓFELES:
Para o demo e os espectros há um preceito:
Por onde entraram voltam a sair.
À primeira são livres, à segunda obedecem.

FAUSTO:
Pois até os infernos leis conhecem?
Gosto dessa! Talvez até possamos
Firmar convosco um pacto seguro!

MEFISTÓFELES:
Do prometido tudo terás, juro,
E do que é teu nada te roubamos.
Mas essa é uma história mais comprida,
E dela falaremos brevemente;
Agora peço-te encarecidamente
Que desta vez me concedas saída.

FAUSTO:
Espera, fica, não te vás já embora,
E vê se um belo conto inda me contas.

MEFISTÓFELES:
Eu volto em breve, deixa-me ir agora!
Depois, como quiseres, farás perguntas.

FAUSTO:
Tu próprio foste cair no laço,
Eu não pus armadilhas nem fiz manha.
Mas não vou largar o diabo quando o caço,
Que outra vez tão depressa não se apanha!

MEFISTÓFELES:
Se isso te agrada, estou disposto a dar-
-te companhia, para que só não fiques;
Mas com uma condição: a de ocupar
Dignamente teu tempo com meus truques.

FAUSTO:
Aceito a ideia, seja como queres,
Desde que as artes nos tragam prazeres!

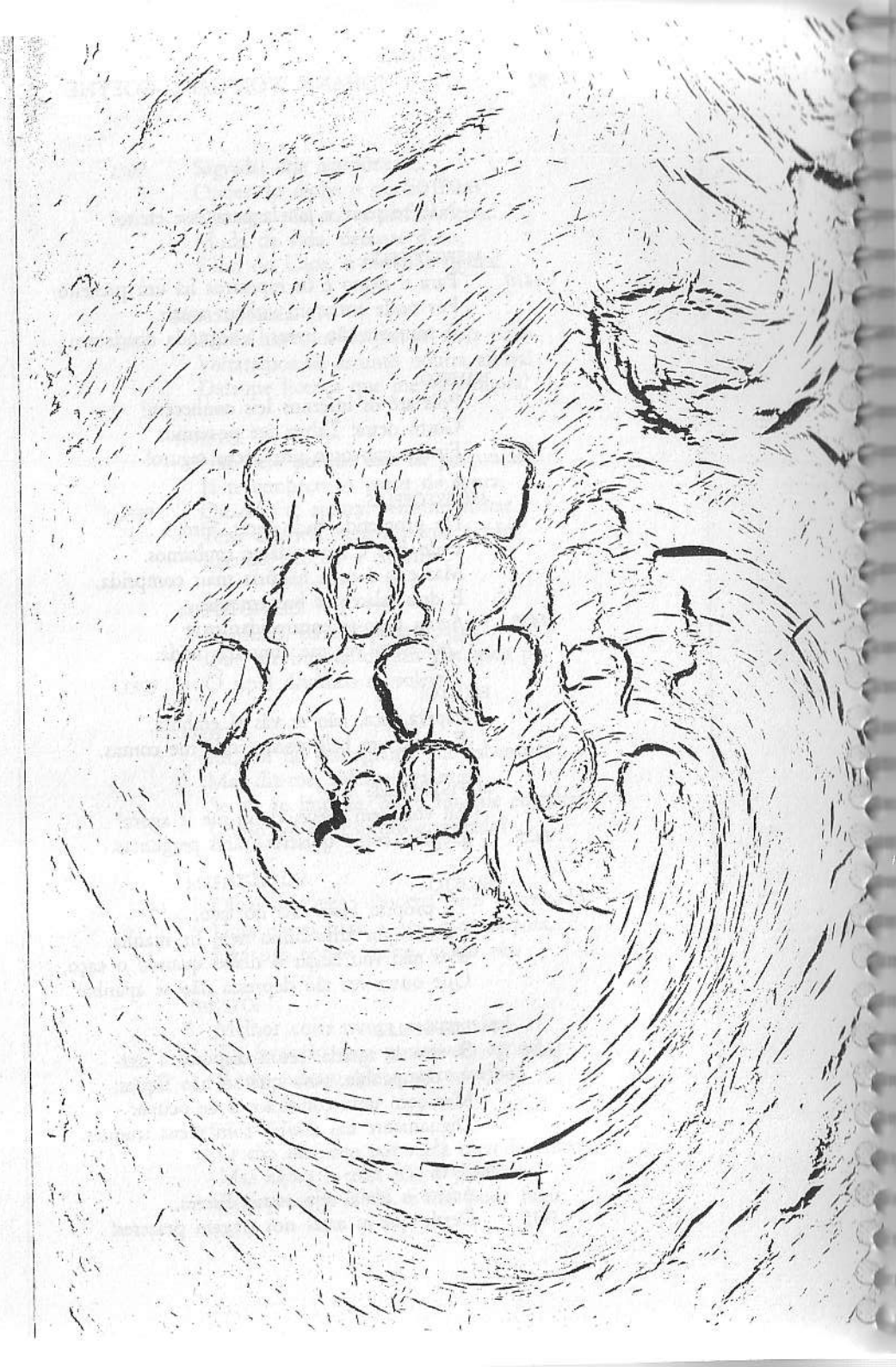
MEFISTÓFELES:
Os teus sentidos, meu amigo, ganharão
Mais numa hora que em todo o ramerrão
Daquilo que num ano fizeres.
O que os subtis Espíritos te cantam,
As formas belas que te encantam,
Não são um jogo de magia vã.
O teu olfacto se irá deliciar,
E o palato poderás deleitar,
E o teu sentir se maravilhará.
Não há mister de qualquer iniciação:
Estamos aqui, começai então!

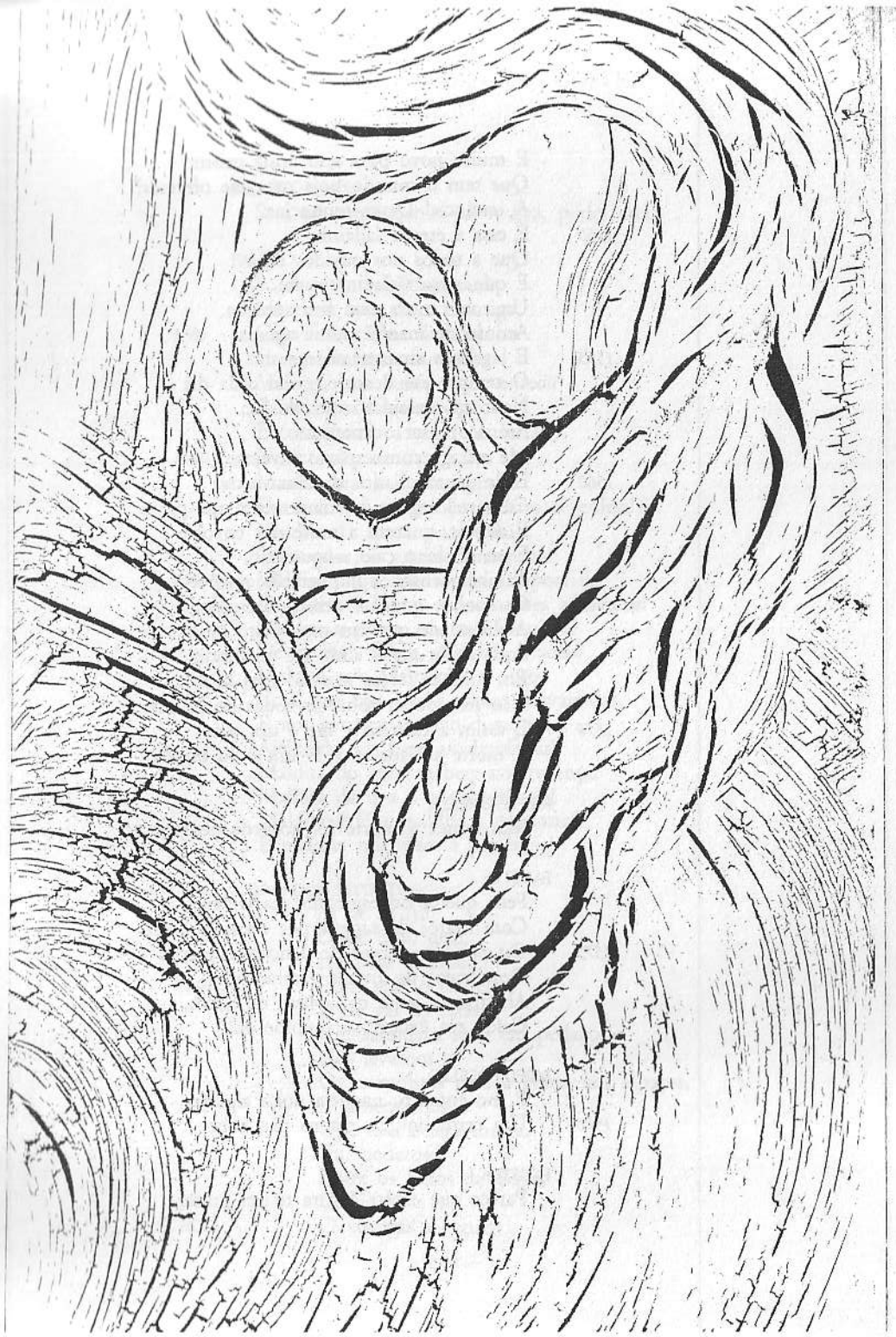
ESPÍRITOS:
Abri-vos, altas
Abóbadas escuras!
Que entrem, mais puras
Ondas de azul
Neste covil!
Que as nuvens escuras
Se dissimulem!
Estrelas cintilem,
Sóis de doçura
Nele brilhem!
Legião etérea,
Beleza empírea,
Círculo ondulando
Passa pairando.
Ânsias, afectos,
Sobem mais altos;
Fitas aos ventos,
Panejamentos,
Cobrem os campos,
Cobrem folhagens
Onde os amantes,
De si esquecidos,
Se dão sem limites.
Renques, folhagens!
Rebentos vivos!
Cachos pendentes
Caem na cuba,
Esmaga-se a uva,

Corre em torrente
Vinho espumante,
Vem saltitante
De pedra em pedra,
Deixa as alturas,
Barrancos cegos,
Desce à planura,
Entra nos lagos.
Nos verdes prados
Bandos alados
Bebem prazer,
Voam para o Sol,
Ilhas de fogo,
Que a baloiçar
Jogam um jogo
Co'as ondas do mar;
Em coro ouvimos
Júbilo, e vemos
Sobre as campinas
As dançarinas
Fazer romagem
Pela paisagem.
Umas trepando
A colinas nuas,
Outras nadando
Pelas lagoas,
Pairando ainda;
Todas para a Vida,
Para os céus distantes
De estrelas amantes,
Santas mercês.

MEFISTÓFELES:

Já dorme! Estou contente, rapaziada,
Surtiu efeito a arenga delicada!
Agradeço o concerto desta vez.
Ainda não és homem para o diabo prender!
Embalem-no em sonhos e façam-mo cair
No brando mar de onde o delírio emana;
Mas para a magia da soleira vencer
Hei mister de um dente de ratazana.
Não preciso de longos esconjuros,
É só dar a ordem à que ouço entre estes muros.





O senhor de ratazanas e de ratos,
De moscas, percevejos, de piolhos e sapos,
Ordena-te que saias da toca
Para roeres esta soleira com a boca,
No sítio onde com óleo a aspergiu —
Vejo que já do buraco saiu!
Mãos à obra! A ponta que me arresta
Está mesmo aí à frente, nessa aresta.
Uma dentada mais... Pronto, já está!
E agora, Fausto, sonha. — Eu volto já...

FAUSTO *(despertando)*:
Sou novamente presa da ilusão?
E vai-se assim a chusma de fantasmas?
Em sonhos, Fausto, vês o diabo e pasmas
Do ardil que te fez perder um cão?!

GABINETE DE TRABALHO

Fausto. Mefistófeles.

FAUSTO:

Batem? Entre! Alguém me vem amofinar!

MEFISTÓFELES:

Sou eu.

FAUSTO:

— Entra!

MEFISTÓFELES:

— Três vezes tem de ser!

FAUSTO:

Entra lá!

MEFISTÓFELES:

— Assim é que é falar!
Acho que vamos dar-nos bem;
E para mandar as tuas cismas para o Além
À fidalga me fui ataviar:
Gibão vermelho, de orla dourada,
A capa de seda engomada,
A pluma de galo no chapéu,
Não esquecendo, é claro, a longa espada.
Aconselho-te a que faças como eu,
E te aperaltes, sem que falte nada,
Para, liberto, já de seguida
Aprenderes a conhecer a vida.

FAUSTO:

Em nenhum hábito deixarei de sentir
A dor da vida estreita que levar.
Sou muito velho para só querer brincar,

E muito novo para sem ânsia existir.
Que tem o mundo hoje para me oferecer?
A renúncia! Deves renunciar:
É essa a eterna ladainha
Que a todos nos ouvidos ecoa
E que, uma vida inteirinha,
Uma voz rouca sem fim apregoa.
Acordo de manhã numa agonia,
E lágrimas amargas só me traz
O tempo que decorre, e em cada dia
Nem um desejo só me satisfaz;
Até do prazer o antegozo
Me estraga com espírito invejoso,
E do sopro criador da alma activa
Com mil esgares hostis também me priva.
E depois, quando a noite nos envolve
E eu no leito caio, angustiado,
Também então a inquietação revolve
Os sonhos que me deixam aterrado.
A divindade que em meu peito mora
Pode agitar-me a alma até ao fundo;
Em minhas forças manda, mas lá fora
Não tem poder sobre as rodas do mundo.
E assim a existência me é um peso,
A morte ansiada, a vida um ódio imenso.

MEFISTÓFELES:

Mas nunca a morte foi hóspede desejado.

FAUSTO:

Feliz quem, no esplendor da vitória,
Com louros de sangue por ela é coroado,
Ou por ela, depois de dança em glória,
Dos braços da amada é arrancado!
Ah, tivesse, ante o Espírito do Além,
Caído em êxtase, sucumbido eu!

MEFISTÓFELES:

E, no entanto, naquela noite alguém
Um certo líquido escuro não bebeu...

FAUSTO:

Parece que espiar é para ti um prazer.

MEFISTÓFELES:
Sem ser omnisciente, sei muito, podes crer.

FAUSTO:
Se desse turbilhão tamanho
Me tirou som doce e antigo,
Com felizes ecos de antanho
Crenças infantis iludindo,
Maldigo hoje tudo o que enreda
A alma em falsa sedução
E com lisonja a cega e encerra
Neste antro de desolação.
Maldita seja a douta opinião
Em que a si próprio o espírito se enleia!
Maldita da aparência a ilusão
Que todos os sentidos incendeia!
Maldito o que no sonho é hipocrisia
Da glória o logro, e dos nomes afamados!
Maldita a posse, que nos lisonjeia,
De mulher, filhos, charrua, criados!
Maldito seja Mamon e o ouro
Com que nos leva a acções desvairadas,
E nos entrega ao ócio duradouro,
Ajeitando-nos bem as almofadas!
Maldita do amor a bem-aventurança!
Maldita da uva a suma essência!
Maldita a fé e maldita a esperança!
E maldita mil vezes a paciência!

CORO DOS ESPÍRITOS:
Ai de ti! Ai!
Deste cabo dele,
Do belo mundo,
Com punho de ferro,
E ele vai ao fundo!
Um semideus fê-lo em pedaços!
Nós levamos
Os escombros para o Nada nos espaços,
E lamentamos
Que essa beleza morra.
Tu, poderoso
Entre os filhos da Terra,
Glorioso
O voltarás a erguer,

Constrói-o na tua consciência!
Para nova existência
Desperta,
Sentidos alerta,
E um novo cantar
Irá nascer!

MEFISTÓFELES:
Dos meus alunos
São os mais pequenos.
Ouve o conselho que sábios te dão,
Para o prazer e a acção!
Desse mundão,
Fora da solidão
Onde sangue e ideia gelam,
Para ti apelam.

Deixa esses jogos, deita as mágoas p'ra trás,
Que, tal abutre, a vida te consomem;
Na pior sociedade sentirás
Que entre os homens também tu és homem.
Mas não me entendas mal. Não quero
Lançar-te para o meio da ralé.
Não sou grande, mas se acaso é
Tua vontade unir-te a mim, espero
Teus passos nesta vida guiar
E ao teu serviço me colocar.
Dispõe de mim inteiro.
Sou já teu companheiro;
E se for do teu agrado,
Teu lacaio serei, e teu criado!

FAUSTO:
E em paga, não esperas favores meus?

MEFISTÓFELES:
Para isso nem ainda o prazo está à vista.

FAUSTO:
Não, não! Eu sei que o diabo é egoísta
E nunca, nem por amor de Deus,
A outrem um serviço presta.
Diz claramente qual é a condição;
Um servo como tu põe em perigo este chão.

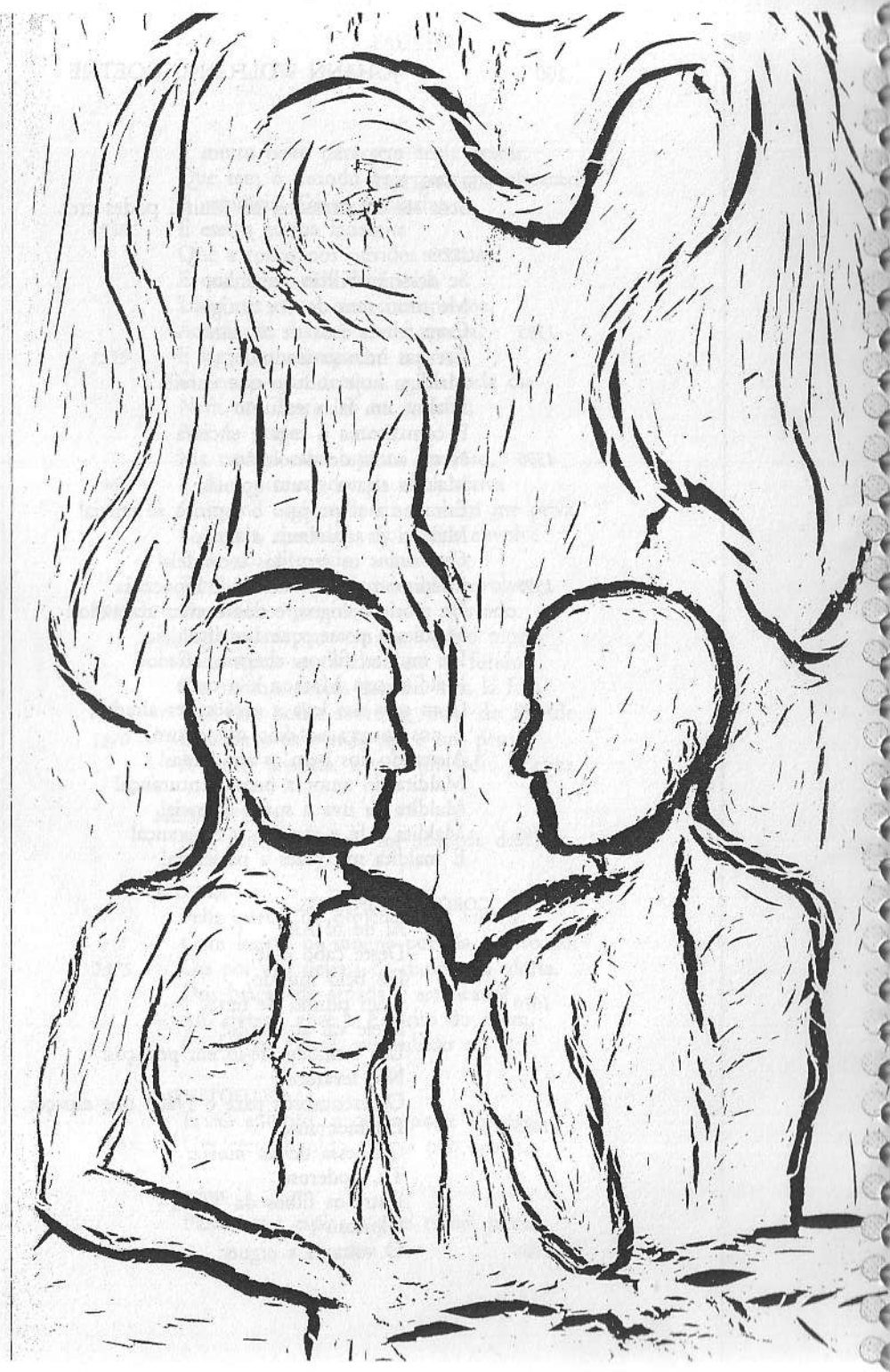
MEFISTÓFELES:
Aqui ao teu serviço quero ficar,
Obedecendo sem olhar para trás;
Quando *lá* nos voltarmos a encontrar
Tu o mesmo me farás.

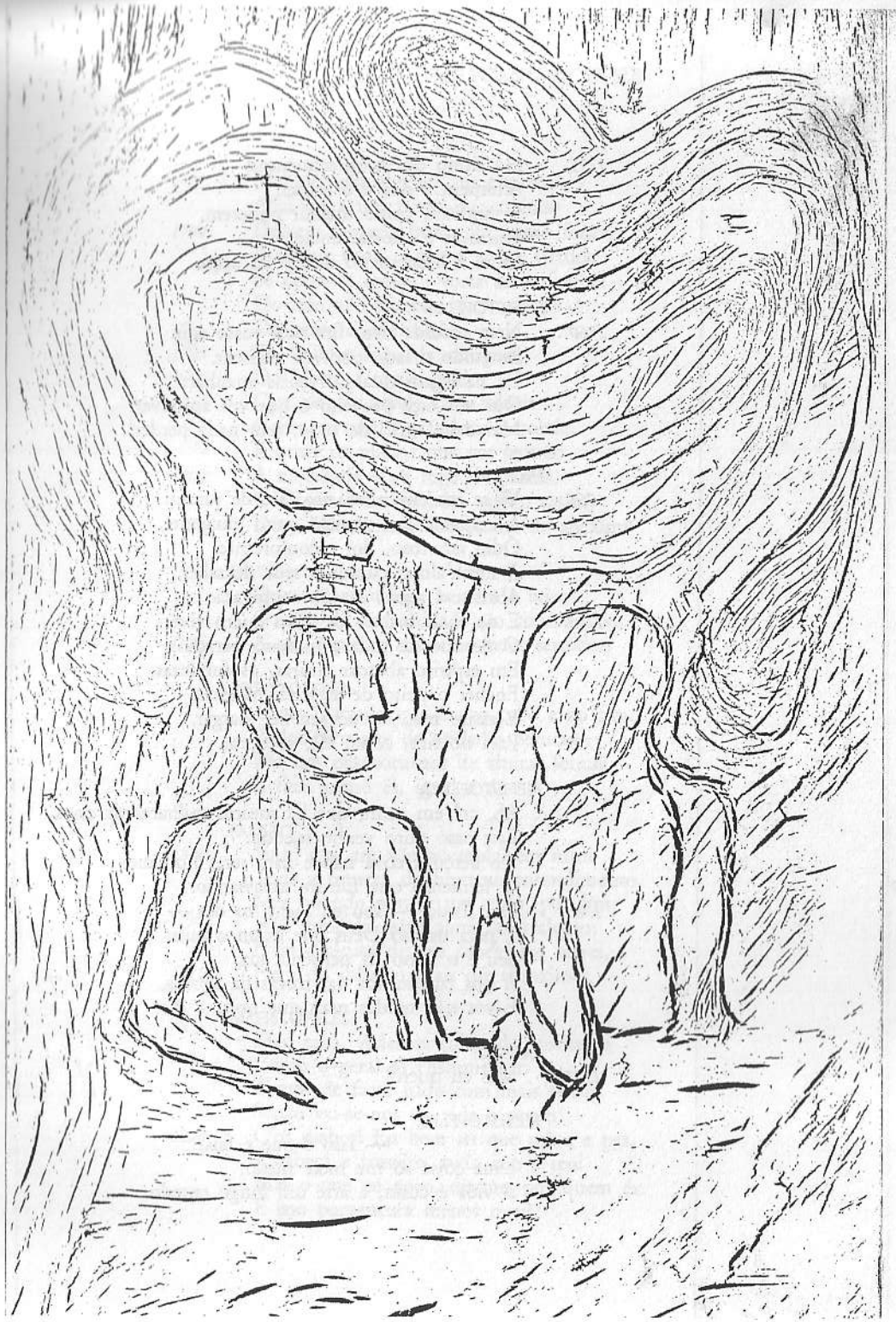
FAUSTO:
O mundo de lá pouco me importa a mim;
Se a este primeiro tu puseres fim,
Talvez outro depois venha a surgir.
É desta Terra que vêm meus prazeres,
Este Sol ilumina as minhas dores;
Se um dia deles separado me vires,
Então que seja o que tem de ser.
Já não quero saber dessas quimeras,
Se nessa vida haverá ódio e amor,
E se também lá nessas esferas
Um «em cima» e «em baixo» pode haver.

MEFISTÓFELES:
Sendo assim, não tens nada a perder.
Faz o contrato, e em breve irás ver,
Maravilhado, do que sou capaz eu:
Vou dar-te o que homem nenhum inda viu.

FAUSTO:
Que tens tu, pobre diabo, para me dar?
O espírito de um homem, no seu alto aspirar,
Alguém da tua laia o compreenderia?
Tens tu comida da que não sacia?
Tens ouro vermelho que, dia após dia,
Como mercúrio na mão se te derrete?
Jogo em que se não ganha, só se perde?
Uma moça que, em meu peito aninhada,
Ao vizinho se entrega com olhares?
O divino prazer da glória ansiada
Que, como meteoro, se esvai nos ares?
Mostra-me o fruto podre antes que o colha,
E árvore que todo o dia reverdeça!

MEFISTÓFELES:
Tal incumbência fácil se me antolha,
E não temo dar-te riqueza dessa.
Mas há um tempo, amigo, vai por mim,
Em que só queremos paz e boa mesa.





FAUSTO:

Se um dia, acomodado, na cama da preguiça
Me deitar, que esse seja o meu fim!
Se um dia a tua lisonja me cegar,
A ponto de parar minha porfia,
Se com gozos me puderes enganar
Que seja esse o meu último dia!
Queres apostar?

MEFISTÓFELES:

— Aceito!

FAUSTO:

— Então está dito!
Se alguma vez ao momento disser:
Fica, tu que és tão belo!
Serás então livre de me prender,
Afundar-me-ei sem agravo nem apelo!
Que se ouça então o sino derradeiro,
Cesse o serviço que aceitei de ti,
Pare o relógio e caia o ponteiro,
E que chegue o meu tempo então ao fim!

MEFISTÓFELES:

Pensa bem! Nós não o esqueceremos.

FAUSTO:

Terás todo o direito de o lembrar;
Não foi de ânimo leve que nos excedemos.
Serei escravo no dia em que parar,
Se teu, se de outro, é questão de somenos.

MEFISTÓFELES:

Hoje mesmo, no banquete doutoral,
Vos servirei, como é meu dever.
Mas como há viver e morrer,
Umas linhas vos peço. Não leveis a mal!

FAUSTO:

Até escritura pedes, meu pedante?
Sabes o que é um homem, e palavra de gente?
Não te basta a palavra falada

Que compromete toda a minha vida?
Não flui o mundo como uma enxurrada?
Porque há-de a mim atar-me o prometido?
Mas está-nos no sangue essa ilusão —
Quem facilmente dela se livrará?
Feliz quem traz a fé no coração,
De sacrifício algum se arrependerá!
Escrito e selado, porém, é um papão
O pergaminho que o mundo temerá.
Morre a palavra na ponta da pena,
Pois cera e couro são quem mais ordena.
Que queres de mim, Espírito do mal?
Mármore, bronze, pergaminho, papel?
Com pena escreverei? Buril? Cinzel?
Aqui te dou liberdade de escolha.

MEFISTÓFELES:
Para quê essa retórica, a centelha
Tão inflamada e um excesso tal?
Serve qualquer papel que à mão tiveres,
Se com um pingo de sangue assinares.

FAUSTO:
Faça-se a farsa como tu quiseres,
Se isso te dá um gozo especial.

MEFISTÓFELES:
O sangue é seiva como outra não há.

FAUSTO:
Não tenhas medo, que eu não quebro o pacto!
Toda a minha força, e a ânsia que me dá,
É o que prometo neste acto.
A excessiva soberba enfatuou-me,
Sou como tu, e vejo-o com clareza.
O sublime Espírito desdenhou-me,
À minha frente fecha-se a Natureza.
Quebrado foi o fio do pensamento,
Enoja-me todo o conhecimento.
Nas profundezas da sensualidade
Irei apaziguar paixões ardentes!
Que em véus mágicos densos e envolventes
Às maravilhas se me abram sem idade!
Lancemo-nos no turbilhão do tempo,

No ritmo dos acontecimentos!
Alternem a dor e o prazer,
E também, como melhor puderem,
Fracassos e vitórias então:
Só se é homem no delírio da acção.

MEFISTÓFELES:
Nem medida nem fim tem vosso agir.
Em todo o lado podereis petiscar,
De passagem qualquer coisa apanhar:
Que vos faça proveito o que vos aprouver.
Mas deitai mão de tudo, sem nada perder!

FAUSTO:
Vê se me entendes: não falo de prazer.
À vertigem me entrego, gozo pungente,
Ódio amoroso, dor reconfortante.
A minh'alma, curada a sede de saber,
Abrir-se-á agora a toda a provação,
E no mais íntimo de mim quero viver
O destino de toda a humana geração;
Em espírito abarcar alturas, profundezas,
Encher o peito de alegrias, tristezas,
E assim meu ser ao seu Ser alargar,
Para no fim, como ela, soçobrar.

MEFISTÓFELES:
Ah, crê em mim, que há muitos milhares de anos
Este osso duro venho roendo:
Do berço à cova não é para seres humanos
O fermento que Ele foi amassando!
Esse Todo — sou eu quem to diz —
É para um só Deus que assim o quis;
Seu é o reino da perpétua luz,
A nós lançou-nos nas trevas da agonia,
E vós não tendes mais que noite e dia.

FAUSTO:
Mas eu quero!

MEFISTÓFELES:
— Isso é que é falar!
Uma coisa só me mete medo:
A vida é curta, a arte um longo enredo.

Melhor seria alguém vos ensinar.
Aliai-vos a um poeta que amiúde
Deixe a fantasia brotar-lhe como fonte,
Para que tudo o que é nobre virtude
Se derrame sobre a vossa áurea fronte:
Do leão a coragem,
Do cervo a celeridade,
De Itália o fogo da vertigem,
Do Norte a tenacidade.
Que ele vos revele com fidúcia
Como se casam grandeza e astúcia,
E quais os planos que vos levarão
À mocidade e ao fogo da paixão.
Conhecesse eu também sujeito assim,
Dom Microcosmo lhe punha de anexim!

FAUSTO:
Que sou eu afinal, se nem a mim
Os sóis da humanidade são consentidos,
A que aspiram todos os meus sentidos?

MEFISTÓFELES:
Tu és... aquilo que és, ao cabo e ao fim.
Podes coroar-te de aneladas perucas,
Pôr nos pés coturnos de alturas loucas,
E ficas como és, igual a ti.

FAUSTO:
Sinto que em vão acumulei em mim
Toda a riqueza do humano entendimento,
Mas quando paro e me sento, por fim,
Não jorra da minh'alma novo alento;
Nem a altura de um cabelo me elevei,
Nem do infinito mais me aproximei.

MEFISTÓFELES:
Meu caro, vedes as coisas de momento
Como o geral as costuma ver;
Temos de fazer tudo com mais tento,
Senão vai-se-nos da vida o prazer!
C'os diabos! Eu bem sei que mãos e pés,
E cabeça e traseiro, tudo isso é teu!
Mas o que eu gozo, diz-me, por quem és:
É isso porventura menos meu?

Se eu puder pagar seis garanhões,
As suas forças são minhas, não vês?
Corro ligeiro, sou homem de brasões,
Como se tivesse vinte e quatro pés.
Ânimo, pois! Manda o cuidar embora,
E vem comigo pelo mundo fora!
Ouve bem: quem se mata a especular
É como besta em charneca, sedenta,
Que um espírito maligno faz girar
No meio de um prado de erva sumarenta.

FAUSTO:
E começamos como?

MEFISTÓFELES:
— É sair já
Deste antro de martírio onde alguém está
Há anos a fingir que vive a vida,
E a entediar-se a si e à rapaziada.
Deixa isso para o teu vizinho Pança!
Porquê matares-te assim a malhar palha?
O que melhor tua ciência alcança
Não o dizes a esta canalha.
Já ouço mais um deles no corredor!

FAUSTO:
Nem pensar, recebê-lo nesta hora!

MEFISTÓFELES:
Pobre rapaz, já está farto de esperar!
Não podemos assim mandá-lo embora.
Dá-me a toga e o capelo, sem demora,
Que esse disfarce fica-me a matar.

Muda de roupa.

Deixa-o comigo, e toca a andar!
Num quarto de hora faço-lhe a lavagem,
E tu prepara-te para uma bela viagem!

Fausto sai.

MEFISTÓFELES *(com a toga comprida de Fausto)*:
Menospreza a razão e a ciência,

Da humanidade a mais alta potência,
Deixa-te só guiar pelo génio da patranha,
Com suas obras de magia e manha,
E tenho-te na mão, sem condições —
Foi-lhe o destino aquele ânimo dar,
Que o impele a avançar sem restrições,
E com esse seu sôfrego aspirar
Ignora terreais deleitações.
Pela vida louca o vou arrastar,
Pelo que há de mais fútil e mesquinho,
E ele há-de estrebuchar, pedir, teimar,
E, ávido, ver o pão e o vinho
Ante os sedentos lábios recuar;
Refrigério nunca lhe será concedido,
E inda que ao diabo se não quisesse dar,
Ainda assim já estaria perdido.

Entra um estudante.

ESTUDANTE:
Curta é aqui a minha permanência,
Mas venho cheio de reverência
Para conhecer e prestar meu preito
Ao homem a quem todos têm respeito.

MEFISTÓFELES:
Muito me apraz a vossa cortesia!
Vedes um homem como outros hoje em dia.
Para além de mim, quem mais conheceis?

ESTUDANTE:
Peço-vos que de mim vos ocupeis!
Venho cheio de vontade e de virtude,
Dinheiro bastante e muita juventude;
Minha mãe bem me queria reter,
Mas eu tenho aqui tanto para aprender!

MEFISTÓFELES:
Estais no lugar certo, e é certa a hora.

ESTUDANTE:
Para ser franco, ia-me já embora:
Esta sala, alta e fechada,
É lugar que não me agrada.

É um espaço tão acanhado,
Não se vê árvore nem prado,
E nestes bancos, nesta plateia,
Vai-se-me ouvido, vista e ideia.

MEFISTÓFELES:
É só porque não estais habituado.
Também a criancinha não aceita
A princípio o peito de bom grado,
Mas em breve com a mama se deleita.
A pouco e pouco, o seio da sapiência
Irá ganhando também vossa apetência.

ESTUDANTE:
Feliz me deitarei no seu regaço;
Mas para lá chegar, dizei, que faço?

MEFISTÓFELES:
Antes disso gostaria de saber
Que Faculdade ides escolher.

ESTUDANTE:
Quero ser um sábio consumado
E ter o domínio acabado
De Terra e Céu, e a Natureza
E as ciências compreender.

MEFISTÓFELES:
Melhor caminho não podíeis ter;
Mas só este seguireis, com firmeza.

ESTUDANTE:
Estou de corpo e alma nesta aventura;
Mas algum tempo livre e distracção
Me serão concedidos, porventura,
Nos belos dias de festa do Verão.

MEFISTÓFELES:
Usai o tempo, que passa a correr,
Mas com ordem vereis como o ganhar.
Por isso, amigo, vos quero sugerir
Collegium Logicum, para começar.
Aí, a mente será bem adestrada,
Em botas espanholas espartilhada,

Para que agora, prudente e com tento,
Se arraste pelos trilhos do pensamento,
E não cirande a torto e a direito,
Como fogos-fátuos, de qualquer jeito.
Em certos dias vos irão ensinar
Que o que até hoje costumáveis fazer
Espontaneamente, qual comer e beber,
A «Um, dois, três» deve obedecer.
A fábrica de ideias não é senão
Como a peça de um mestre tecelão,
Onde um pedal põe mil fios em movimento,
As lançadeiras andam num vaivém,
Os fios correm sem os ver ninguém,
Um gesto produz mil cruzamentos.
O filósofo, com a prova, entra em cena,
E contestar não vos vale a pena:
O primeiro é assim, o segundo é assado,
E logo o terceiro e quarto está traçado;
E se não fora assim, o primeiro e segundo,
Terceiro e quarto não seriam de todo.
Sempre os pupilos vi isto admirarem,
Sem com isso tecelões se tornarem.
Quem o vivo visa entender, descrever,
O espírito começa por matar,
Com as partes todas em sua mão fica,
Falta-lhe apenas... o espírito que as liga!
A Química chama-lhe *Encheiresin naturae*,
Escarnece de si, e nem sabe porquê.

ESTUDANTE:
Não estou a entender-vos muito bem.

MEFISTÓFELES:
Esperai, que a luz inda aí vem,
Quando aprenderdes a tudo reduzir
E a classificar como é mister.

ESTUDANTE:
Deixais-me tolo e confuso com essa!
Parece que uma mó me gira na cabeça.

MEFISTÓFELES:
Dê seguida, e antes mesmo de tudo,
Da Metafísica deveis fazer o estudo!

E aí esforçai-vos por captar os arcanos
Que não cabem em cérebros humanos;
Para o que aí entra, e também para o que não,
Uma palavra pomposa há sempre à mão.
Mas no primeiro semestre será melhor
Fazerdes tudo com ordem e rigor.
Tereis por dia de lições cinco horas,
E ao primeiro toque entrareis, sem demoras!
Não sem antes vos terdes preparado,
Parágrafo a parágrafo estudado,
Para depois poderdes ver bem
Que ele só diz o que o livro já tem.
Tomai apontamentos, no entanto,
Como se vos ditasse o Espírito Santo!

ESTUDANTE:
Duas vezes não tereis de dizê-lo!
Acho tudo muito útil, para ser franco:
Que o que um homem possui, preto no branco,
Tranquilo para casa pode levá-lo.

MEFISTÓFELES:
Mas escolhei-me então a Faculdade!

ESTUDANTE:
Com a Jurisprudência não me entendo.

MEFISTÓFELES:
E não vos levo a mal, pois estou vendo
Qual é dessa ciência a qualidade.
As leis e os direitos lá se vão
Transmitindo, qual doença a alastrar,
Passam de geração em geração
E, sorrateiros, de lugar para lugar.
Razão dá em absurdo, benefício em mal-estar;
Se tens pais e avós, que triste fado o teu!
Do direito que connosco nasceu,
Desse, ai de nós!, ninguém quer saber.

ESTUDANTE:
A tais palavras cresce a minha aversão.
Ditoso aquele que ouve a vossa lição!
Estou a ponto de escolher Teologia.

MEFISTÓFELES:
Induzir-vos em erro, isso eu não queria,

Mas essa ciência é um terreno
Em que é difícil evitar caminho errado.
Há nela escondido tanto veneno,
Que do remédio mal pode ser separado.
O melhor neste caso é que um só vos adestre,
E que jureis pela palavra do mestre.
Se às palavras vos aterdes, no geral,
Entrareis pelo mais seguro portal
Das certezas no santuário perfeito.

ESTUDANTE:
Mas a palavra há-de ter seu conceito.

MEFISTÓFELES:
Pois sim, mas um homem não se atrapalha;
Justamente quando o conceito falha,
Aí vem a palavra dar um jeito.
Disputa-se com palavras apenas,
Com palavras se constroem sistemas,
Nada a fé nas palavras derrota,
A uma palavra não se rouba nem um jota.

ESTUDANTE:
Perdoai as perguntas sem fim,
Mas peço a vossa mercê me defina
Que ciência é a Medicina,
Numa ou duas palavras, só para mim.
Três anos é tão pouco, quando penso,
Deus meu, num campo tão imenso!
Uma douta indicação já basta
Para o caminho adiante iluminar.

MEFISTÓFELES *(aparte)*:
Este tom assim seco já me agasta,
Vou pôr o diabo de novo a declamar.
(Em voz alta.)
Da Medicina o espírito é fácil de entender:
Pequeno e grande mundo há que estudar,
Para depois o deixar andar
Como Deus quer.
É vã toda a pesquisa delirante,
Cada um só aprende o que pode aprender;
Mas aquele que agarra o instante,
Esse é um homem a valer.

Vejo que tendes boa parecença,
Audazes modos não vos faltarão,
E se em vós próprio tiverdes confiança,
As outras almas em vós confiarão.
E sobretudo as fêmeas aprendei a levar;
O rosário de seus males palpáveis,
Inumeráveis,
Num só ponto os haveis de curar;
E se puserdes um ar de honradez,
Tê-las-eis todas de uma vez.
Um título começará por lhes mostrar
Que a vossa arte é o supremo dos arcanos;
As boas-vindas lhes dareis ao apalpar
Mil curvas por que outros esperam anos.
Tomai-lhes o pulso com perícia
E com olhares de fogo e de malícia
Lhes sentireis a cintura delgada
Para ver como está espartilhada.

ESTUDANTE:
Já vejo o como e o quando! Era o que eu queria.

MEFISTÓFELES:
Cinzenta, amigo, é toda a teoria,
E verde a árvore de ouro da vida.

ESTUDANTE:
Parece um sonho! Será que posso ainda
Vir importunar-vos outro dia,
Beber a fundo vossa sabedoria?

MEFISTÓFELES:
O que eu puder, com muito gosto o faço.

ESTUDANTE:
Não é desta ainda que me despeço;
Neste meu álbum, pois acho que o mereço,
Do vosso favor um sinal vos peço!

MEFISTÓFELES:
Pois não!

ESTUDANTE *(lê)*:
Eritis sicut Deus, scientes bonum et malum.

Fecha o álbum respeitosamente e despede-se.

MEFISTÓFELES:

Vai, segue a minha prima, a Serpente, e o seu dito,
Que a parecença com Deus inda há-de pôr-te aflito!

Entra Fausto.

FAUSTO:

E agora, aonde vamos?

MEFISTÓFELES:

— Aonde quiseres,
Para o pequeno e o grande mundo veres.
Ah, que alegria e que proveito
Não tirarás do curso, à borla feito!

FAUSTO:

Mas com uma barba já de tanto ano
Falta-me o ar do homem mundano.
A experiência não vai resultar;
No mundo não me sei comportar.
Sinto-me tão pequeno, confrontado
Com os outros, estou sempre embaraçado!

MEFISTÓFELES:

Meu bom amigo, tudo se há-de arranjar;
Confia em ti, e aprenderás a arte de viver.

FAUSTO:

E como vamos sair desta casa?
Que é dos cavalos, criados, carruagem?

MEFISTÓFELES:

Basta abrir o meu manto, como asa;
Nele pelos ares faremos a viagem.
E espero que tu, nesta aventura ousada,
Não leves a trouxa atafulhada.
Vou preparar um arzinho inflamável,
Que da Terra nos faz subir, prestável.
E assim, leves, fácil é a subida;
Os meus parabéns pela tua nova vida!

TABERNA DE AUERBACH EM LEIPZIG

Um pequeno grupo de bebedores em festa.

FROSCH:
Ninguém bebe? Ninguém diz uns chistes?
Já vos ensino a ficar de caras tristes!
Hoje está tudo que nem palha molhada!
Que é da vossa chama, rapaziada?

BRANDER:
A culpa é tua. Hoje não há maneira
De fazeres porcaria ou asneira!

FROSCH *(deitando-lhe um copo de vinho na cabeça)*:
Aí tens as duas!

BRANDER:
— Javardo a dobrar!

FROSCH:
Já que mo pediram, não o vou negar!

SIEBEL:
Vai já para a rua quem aqui brigar!
É cantar de roda, é beber, berrar!
Upa! Olá! Hei!

ALTMAYER:
— Ai, que estou perdido!
Algodão, que ele rebenta-me o ouvido!

SIEBEL:
A voz do baixo só faz o seu efeito
Quando o som ecoar do tecto.

FROSCH:
Acho bem! E rua, quem levar a mal!
Olarilolé!

ALTMAYER:
— Olarilolé!

FROSCH:
Goelas afinadas! E venha o coral!
(Canta.)
O santo e sagrado Império Romano
Como é que ainda se tem de pé?

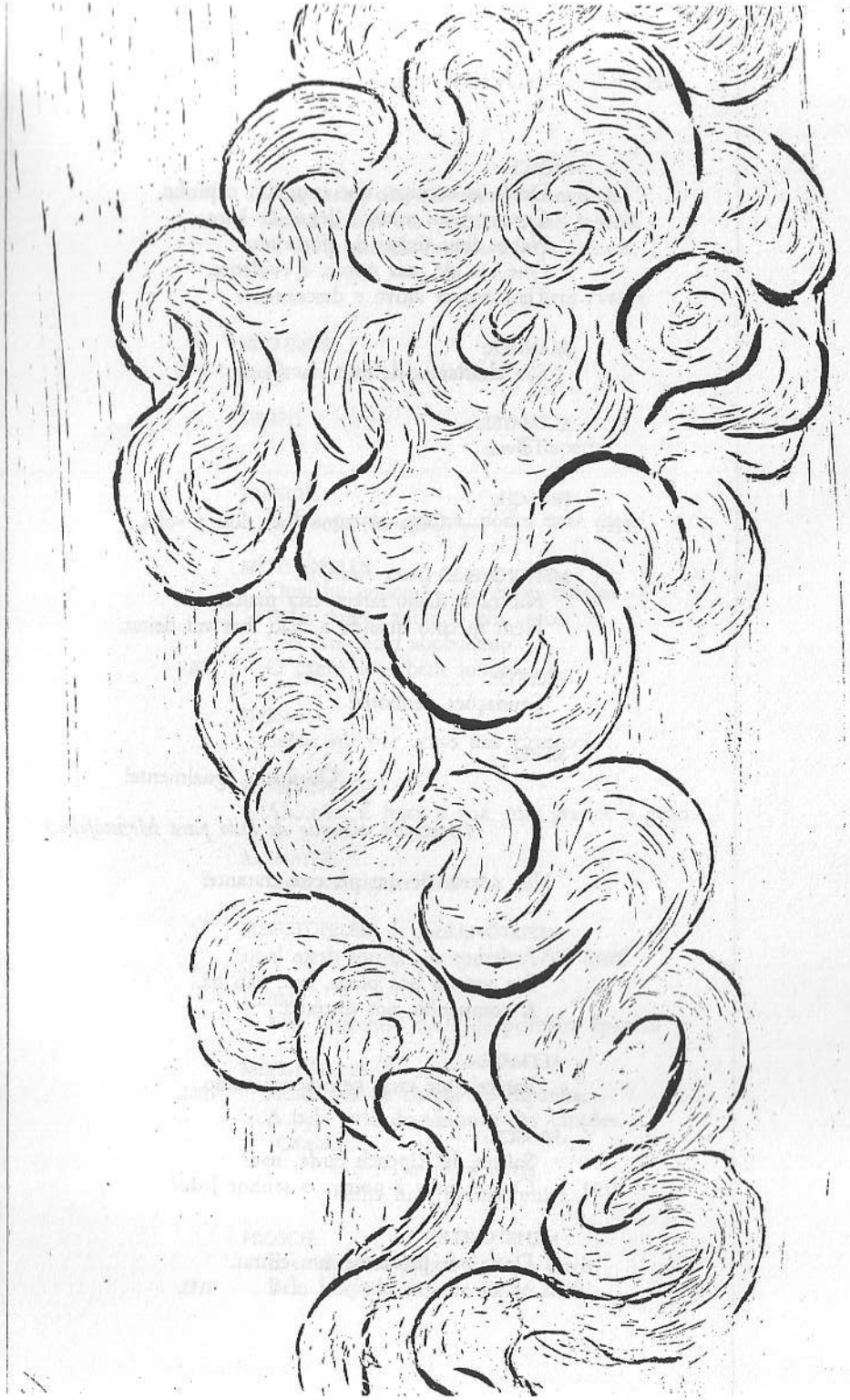
BRANDER:
Escárnio de cantiga! Ui, política é!
Cantiga sem jeito! Agradece a Deus, mano,
Não teres de pensar no Império Romano!
Para mim já é um ganho não ser
Nem imperador nem chanceler.
Mas um chefe não nos pode faltar;
Por isso um Papa vamos eleger.
E bem sabeis qual é a qualidade
Que elege o homem e finda a rivalidade.

FROSCH *(canta)*:
Sobe, sobe, rouxinol no ar,
A amada mil vezes me vai saudar.

SIEBEL:
Saúdes à amada? Nem o quero ouvir!

FROSCH:
Saúdo-a e beijo-a, e não o vais impedir!
(Canta.)
Abre o ferrolho! Noite cerrada.
Abre o ferrolho! Que o amante se afoite.
Fecha o ferrolho! É madrugada.

SIEBEL:
Pois sim, canta e louva a amante na noite!
Há-de vir a hora em que vou rir.
Se eu entrei, também a ti vai abrir.
Que o seu amante seja um génio mau à solta,
E os dois na encruzilhada vão gozando;
E um bode velho, que do Blocksberg volta,
Lhe berre as boas-noites galopando!



Rapaz a sério, que ver se possa,
É desperdício para tal moça.
Serenata? Bem pode esperar por ela!
Vou é partir-lhe os vidros da janela!

BRANDER *(batendo na mesa)*:
Silêncio! Silêncio! Ouçam o que eu digo!
Senhores, vejam lá se eu não sei viver!
Gente apaixonada tenho aqui comigo,
E segundo a praxe, e como bom amigo,
Uma serenata lhes vou oferecer.
Aí vai a cantiga! É nova, atenção!
E repitam todos bem forte o refrão!
(Canta.)
Numa cave havia um rato
Que só manteiga comia,
Tinha um bandulho tão farto,
Que nem Lutero o vencia.
Pôs veneno a cozinheira,
Estreitou-se-lhe a vida inteira,
Como a quem morre de amores.

CORO *(jubilante)*:
Como a quem morre de amores.

BRANDER:
Anda às voltas, entra e sai,
De toda a poça bebia,
Toda a casa arranha e rói,
Nada o livra da agonia;
O pobre bicho, assustado,
Deu saltos, ficou cansado,
Como quem morre de amores.

CORO:
Como quem morre de amores.

BRANDER:
Em pleno dia, a tremer,
À cozinha foi parar;
Cai no lume, a estrebuchar,
Arfava que era um dó ver.
Ri a cozinheira então:
«Bufa a última canção,
Como quem morre de amores!»

CORO:
Como quem morre de amores.

SIEBEL:
Como os alarves se riem sem tino!
É uma arte que faço com primor,
Esta de aos pobres ratos dar veneno!

BRANDER:
Pelo que vejo, gozam do teu favor.

ALTMAYER:
Olhem-me só o careca pançudo!
A desgraça fá-lo manso e fraternal;
Até descobre no rato barrigudo
O seu próprio retrato ao natural.

Entram Fausto e Mefistófeles.

MEFISTÓFELES:
O que em primeiro lugar quero fazer
É, numa roda alegre como esta,
Mostrar-te como é fácil viver.
Para esta gente todo o dia é de festa.
A graça é pouca, mas muito é o prazer,
Cada um no seu círculo vai girando,
Quais gatos novos, com o rabo brincando.
Se a dor de cabeça não apertar,
E enquanto o taberneiro lhes der fiado,
Está tudo bem-disposto e sem cuidado.

BRANDER:
Estes chegaram de viagem mesmo agora,
Têm ares estranhos, vê-se que são de fora;
Nem uma hora há que estão aqui.

FROSCH:
Leipzig não tem igual! Tens razão, é assim!
É um pequeno Paris, faz gente com maneiras.

SIEBEL:
Quem achas que será esta gente?

FROSCH:
Deixa-os comigo, que com um copinho,
Como quem arranca dente de leite,
Nabos lhes tirarei do pucarinho.
Que são de casa nobre, é evidente,
Têm um ar altivo e descontente.

BRANDER:
São charlatães de feira, ia apostar!

ALTMAYER:
Talvez.

FROSCH:
— Olha só como lhes dou a volta.

MEFISTÓFELES *(para Fausto)*:
Nunca o diabo fareja, esta malta,
Nem mesmo quando a mão lhes vai deitar.

FAUSTO:
Saudações, senhores!

SIEBEL:
— Obrigado, igualmente!

(Baixinho, olhando de lado para Mefistófeles.)

Não coxeia de um pé, este tratante?

MEFISTÓFELES:
Podemos sentar-nos deste lado?
Em vez da boa pinga, que não há,
A companhia nos distrairá.

ALTMAYER:
Pareceis-me estar bem acostumado.

FROSCH:
Saístes de Rippach tarde, não?
Ceastes inda à noite c'o senhor João?

MEFISTÓFELES:
Desta vez passámos sem entrar.

Mas outro dia estivemos a conversar.
Falou muito dos primos, e são tantos!
A todos manda muitos cumprimentos.

Inclina-se para Frosch.

ALTMAYER:
Ora aí tens! Ele percebe!

SIEBEL:
— É esperto!

FROSCH:
Já lhe passo a perna, podes estar certo!

MEFISTÓFELES:
Ouvi há pouco — ou estou errado? —
Belas vozes cantando em coro!
Sob este tecto abobadado
O canto ecoa bem sonoro.

FROSCH:
Sereis vós por acaso um virtuoso?

MEFISTÓFELES:
Ah, não! É fraca a voz, mas grande o gozo.

ALTMAYER:
Uma cantiga, então!

MEFISTÓFELES:
— Uma? Até mais!

SIEBEL:
Mas queremos coisa de primeira apanha!

MEFISTÓFELES:
Acabámos de chegar de Espanha,
A bela terra do vinho e das canções.
(Canta.)
Um rei outrora havia,
Tinha uma grande pulga...

FROSCH:
E esta? Uma pulga! Estão a ouvir?
Belo hóspede daí me há-de sair!

MEFISTÓFELES *(canta)*:
Um rei outrora havia,
Tinha uma grande pulga,
Como a um filho lhe queria,
Bem mais do que se julga.
O alfaiate, chamado,
À sua presença vem:
«Veste-me este morgado,
Faz-lhe calças também!»

BRANDER:
E que o alfaiate se não esqueça
De tirar bem as medidas à obra,
E se tem amor à cabeça,
Que não tenha a calça a menor dobra!

MEFISTÓFELES:
Com sedas e veludos
Lá foi aperaltada,
Com fitas nos vestidos
E uma cruz pregada;
E logo ali foi feita
Grã-ministra com estrela.
A pulgaria atreita
Na corte agora é vê-la!

Na corte a fidalguia
Andava incomodada;
Rainha e companhia
Mordida e picada,
E sem poder esmagá-las,
E nem sequer se coçam!
Nós é logo a esmagá-las
E a afogá-las, se picam.

CORO *(jubilante)*:
Nós é logo a esmagá-las
E a afogá-las, se picam.

FROSCH:
Bravo! Bravo! Até empolga!

CORO:
Como quem morre de amores.

SIEBEL:
Como os alarves se riem sem tino!
É uma arte que faço com primor,
Esta de aos pobres ratos dar veneno!

BRANDER:
Pelo que vejo, gozam do teu favor.

ALTMAYER:
Olhem-me só o careca pançudo!
A desgraça fá-lo manso e fraternal;
Até descobre no rato barrigudo
O seu próprio retrato ao natural.

Entram Fausto e Mefistófeles.

MEFISTÓFELES:
O que em primeiro lugar quero fazer
É, numa roda alegre como esta,
Mostrar-te como é fácil viver.
Para esta gente todo o dia é de festa.
A graça é pouca, mas muito é o prazer,
Cada um no seu círculo vai girando,
Quais gatos novos, com o rabo brincando.
Se a dor de cabeça não apertar,
E enquanto o taberneiro lhes der fiado,
Está tudo bem-disposto e sem cuidado.

BRANDER:
Estes chegaram de viagem mesmo agora,
Têm ares estranhos, vê-se que são de fora;
Nem uma hora há que estão aqui.

FROSCH:
Leipzig não tem igual! Tens razão, é assim!
É um pequeno Paris, faz gente com maneiras.

SIEBEL:
Quem achas que será esta gente?

FROSCH:
Deixa-os comigo, que com um copinho,
Como quem arranca dente de leite,
Nabos lhes tirarei do pucarinho.
Que são de casa nobre, é evidente,
Têm um ar altivo e descontente.

BRANDER:
São charlatães de feira, ia apostar!

ALTMAYER:
Talvez.

FROSCH:
— Olha só como lhes dou a volta.

MEFISTÓFELES *(para Fausto)*:
Nunca o diabo fareja, esta malta,
Nem mesmo quando a mão lhes vai deitar.

FAUSTO:
Saudações, senhores!

SIEBEL:
— Obrigado, igualmente!

(Baixinho, olhando de lado para Mefistófeles.)

Não coxeia de um pé, este tratante?

MEFISTÓFELES:
Podemos sentar-nos deste lado?
Em vez da boa pinga, que não há,
A companhia nos distrairá.

ALTMAYER:
Pareceis-me estar bem acostumado.

FROSCH:
Saístes de Rippach tarde, não?
Ceastes inda à noite c'o senhor João?

MEFISTÓFELES:
Desta vez passámos sem entrar.

Mas outro dia estivemos a conversar.
Falou muito dos primos, e são tantos!
A todos manda muitos cumprimentos.

Inclina-se para Frosch.

ALTMAYER:
Ora aí tens! Ele percebe!

SIEBEL:
— É esperto!

FROSCH:
Já lhe passo a perna, podes estar certo!

MEFISTÓFELES:
Ouvi há pouco — ou estou errado? —
Belas vozes cantando em coro!
Sob este tecto abobadado
O canto ecoa bem sonoro.

FROSCH:
Sereis vós por acaso um virtuoso?

MEFISTÓFELES:
Ah, não! É fraca a voz, mas grande o gozo.

ALTMAYER:
Uma cantiga, então!

MEFISTÓFELES:
— Uma? Até mais!

SIEBEL:
Mas queremos coisa de primeira apanha!

MEFISTÓFELES:
Acabámos de chegar de Espanha,
A bela terra do vinho e das canções.
(Canta.)
Um rei outrora havia,
Tinha uma grande pulga...

FROSCH:
E esta? Uma pulga! Estão a ouvir?
Belo hóspede daí me há-de sair!

MEFISTÓFELES *(canta)*:
Um rei outrora havia,
Tinha uma grande pulga,
Como a um filho lhe queria,
Bem mais do que se julga.
O alfaiate, chamado,
À sua presença vem:
«Veste-me este morgado,
Faz-lhe calças também!»

BRANDER:
E que o alfaiate se não esqueça
De tirar bem as medidas à obra,
E se tem amor à cabeça,
Que não tenha a calça a menor dobra!

MEFISTÓFELES:
Com sedas e veludos
Lá foi aperaltada,
Com fitas nos vestidos
E uma cruz pregada;
E logo ali foi feita
Grã-ministra com estrela.
A pulgaria atreita
Na corte agora é vê-la!

Na corte a fidalguia
Andava incomodada;
Rainha e companhia
Mordida e picada,
E sem poder esmagá-las,
E nem sequer se coçam!
Nós é logo a esmagá-las
E a afogá-las, se picam.

CORO *(jubilante)*:
Nós é logo a esmagá-las
E a afogá-las, se picam.

FROSCH:
Bravo! Bravo! Até empolga!

SIEBEL:
Assim fosse com toda a pulga!

BRANDER:
Afina-me os dedos e caça o bichinho!

ALTMAYER:
Viva a liberdade! E viva o vinho!

MEFISTÓFELES:
De bom grado bebera à liberdade,
Se o vinho fosse de melhor qualidade.

SIEBEL:
Não nos agrada ouvir essa verdade!

MEFISTÓFELES:
Se o não tomasse o patrão por afronta,
Esta ilustre roda ia provar
O que na nossa adega há de melhor.

SIEBEL:
Adiante! O taberneiro fica por minha conta!

FROSCH:
Arranjai-nos boa pinga, e loas vos cantaremos.
Mas prova curta não queremos;
Pois quem juízo fizer
A boca cheia há-de ter.

ALTMAYER *(em voz baixa)*:
São do Reno, é o que eu acho agora.

MEFISTÓFELES:
Uma verruma!

BRANDER:
— Vossa Mercê que intenta?
Tendes acaso as pipas já lá fora?

ALTMAYER:
Está ali um cabaz com ferramenta.

MEFISTÓFELES *(pega na verruma. Para Frosch)*:
Dizei então, que casta há-de ser?

FROSCH:
Como é? Tendes tal variedade de mosto?

MEFISTÓFELES:
A cada um consoante o seu gosto.

ALTMAYER *(para Frosch)*:
Ah, meu velho, já te estás a lamber!

FROSCH:
Bom, se posso escolher, seja do Reno então!
Da pátria ainda vem o que de melhor nos dão.

MEFISTÓFELES *(fazendo um buraco na borda da mesa, em frente de Frosch)*:
Venha um pouco de cera para os tampões.

ALTMAYER:
Isto soa-me a truque de aldrabões.

MEFISTÓFELES *(para Brander)*:
E vós?

BRANDER:
— Champanhe é o que quero beber,
Daquele que mais espuma fizer.

Mefistófeles faz um furo; entretanto, um deles fez tampões de cera e tapa os buracos.

BRANDER:
Há que escolher o que é estrangeiro às vezes,
O que é bom nem sempre está à mão.
Um Alemão de gema não gosta dos Franceses,
Mas bebe-lhes os vinhos, pois então!

SIEBEL *(enquanto Mefistófeles se aproxima do seu lugar)*:
Confesso que o mais seco não me atrai,
Dai-me do doce como deve ser!

MEFISTÓFELES *(faz um furo)*:
Para vós vai já correr um bom tocai.

ALTMAYER:
Não, meus senhores! Pelo que estou a ver,
Desde o princípio de nós só troçais.

MEFISTÓFELES:
Que é isso? Com tão nobres comensais
Seria arriscada proeza!
Depressa! Dizei com franqueza:
Que vinho vos apraz beber?

ALTMAYER:
Já chega de perguntas! Um qualquer!

Depois de furados e fechados todos os buracos:

MEFISTÓFELES *(com gestos estranhos)*:
Cachos tem o pé da vinha,
O bode cornos na pinha;
Se o vinho é sumo e a cepa é lenho,
Também a mesa pode dar vinho.
Um fundo olhar à Natureza!
É um milagre, tende a certeza!

E agora é tirar a rolha e beber!

TODOS *(tirando os tampões e enchendo os copos com o vinho escolhido)*:
Oh, fonte, como é bom ver-te correr!

MEFISTÓFELES:
Mas nem um pingo deveis entornar!

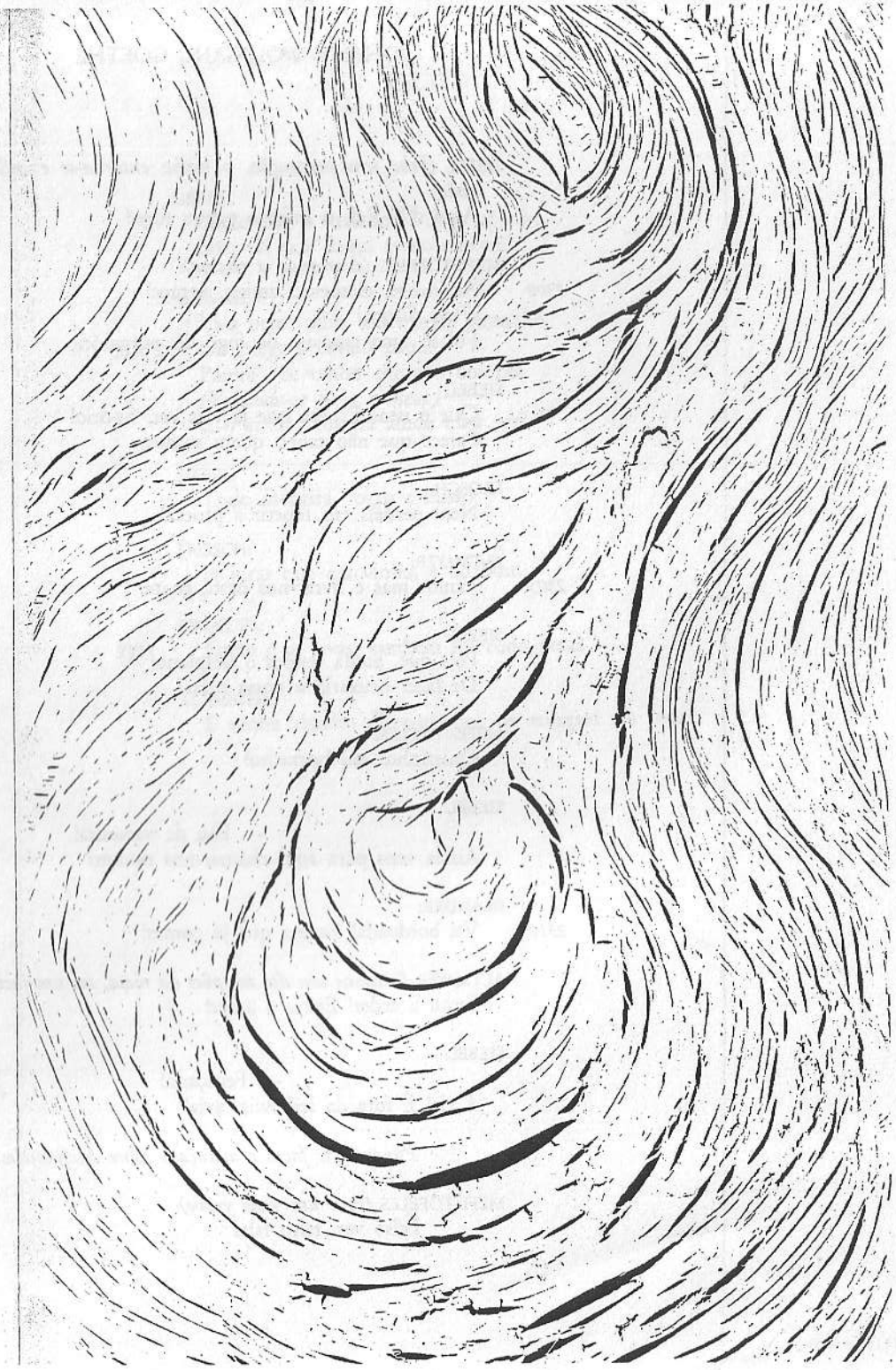
Bebem todos repetidas vezes.

TODOS *(cantando)*:
Sentimo-nos melhor que canibais,
Como quinhentos porcos, ou até mais!

MEFISTÓFELES:
Tem rédea solta o povo, vede que felicidade!

FAUSTO:
Por mim, ia-me já embora.

MEFISTÓFELES:
Presta atenção, a bestialidade
Vai revelar-se toda agora.



SIEBEL *(bebe sem precaução, o vinho entorna-se e inflama-se no chão)*:
Aqui d'El-Rei, o inferno pegou fogo!

MEFISTÓFELES *(exortando a chama)*:
Acalma-te, elemento amigo, vamos!
(Para Siebel.)
Foi só uma amostra do fogo do purgatório.

SIEBEL:
Que é isto? Espera que já vais ver, finório!
Parece que não sabeis quem somos.

FROSCH:
Nem penseis em repetir a proeza!

ALTMAYER:
Vamos mas é livrar-nos desta gente!

SIEBEL:
Pois quê, ainda tendes o desplante
De fazer bruxaria à nossa mesa?

MEFISTÓFELES:
Quietinho, seu borracho!

SIEBEL:
— Pau de vassoura!
Ainda vens para aqui chamar-nos nomes?

BRANDER:
Vai bordoada! Espera que já comes!

ALTMAYER *(arranca um dos tampões da mesa, sai um jacto de fogo)*:
Estou a arder! Estou a arder!

SIEBEL:
— Feitiçaria!
A ele! É fora da lei! Avia, avia!

Puxam das facas e avançam sobre Mefistófeles.

MEFISTÓFELES *(com um gesto grave)*:
Falso ver, falso falar

Mudam sentido e lugar!
Cá e lá ides estar!

Quedam-se todos, espantados, olhando uns para os outros.

ALTMAYER:
Que terra é esta? Onde estamos, irmão?

FROSCH:
Vinhas! Estou a ver bem?

SIEBEL:
— E uvas mesmo à mão!

BRANDER:
E vejam-me esta cepa aqui debaixo
Das parras verdejantes! É que cacho!

Agarra Siebel pelo nariz. Os restantes fazem o mesmo uns aos outros e erguem as facas.

MEFISTÓFELES *(com o mesmo gesto de antes)*:
Desvenda-lhes os olhos, ilusão!
Vejam só como o diabo escarnece de vocês.

Desaparece com Fausto, e os companheiros separam-se bruscamente.

SIEBEL:
Que houve?

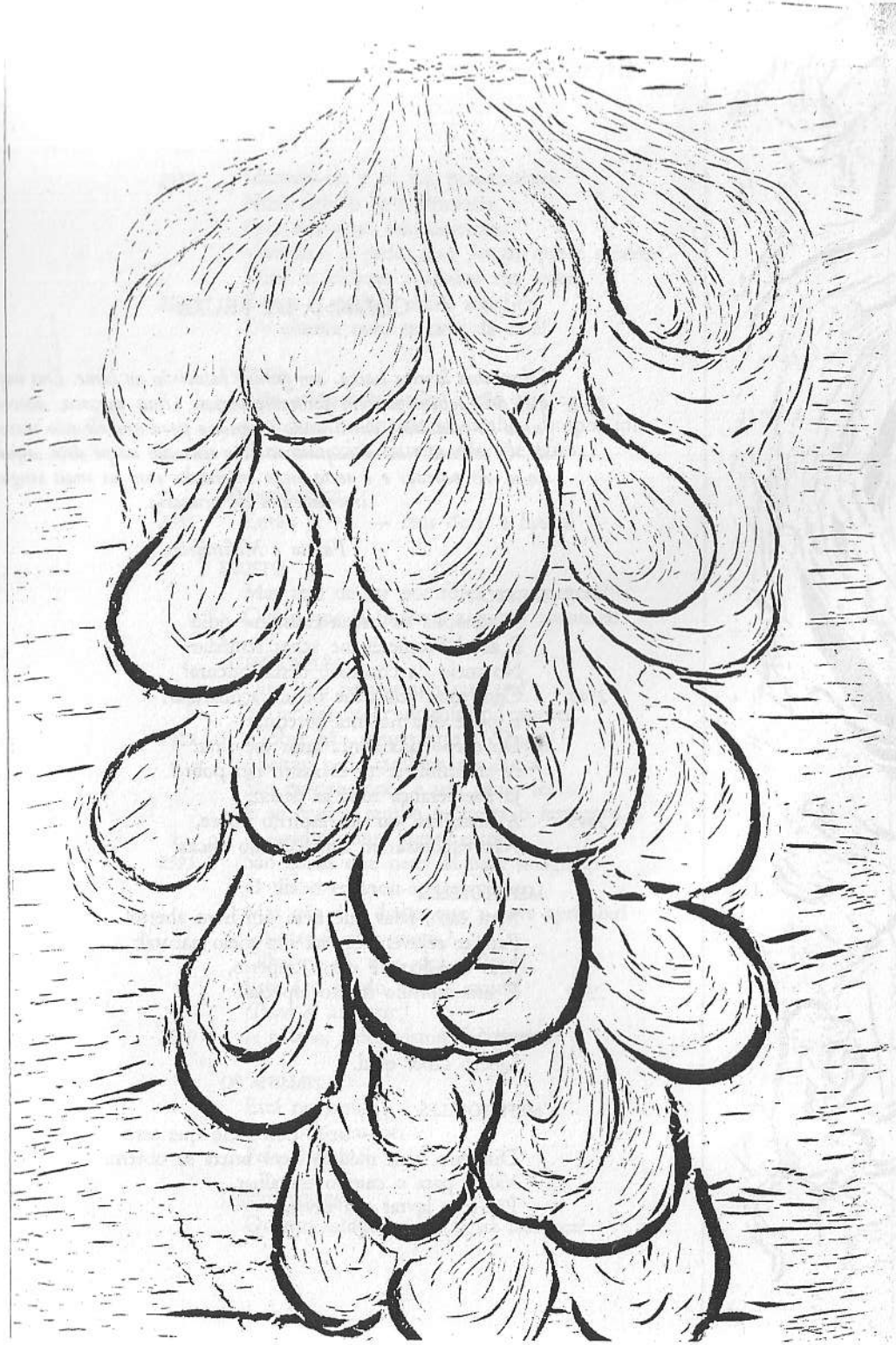
ALTMAYER:
— Que foi?

FROSCH:
— É o teu nariz, não vês?

BRANDER *(para Siebel)*:
E o teu, tenho-o aqui na mão!

ALTMAYER:
Que golpe! Tenho as pernas a tremer!
Uma cadeira, que vou desfalecer!

FROSCH:
Mas digam lá, o que é que aconteceu?



SIEBEL:
Onde está o malandro? Se o apanho,
Não vai sair daqui como nasceu!

ALTMAYER:
Vi-o bem: num tonel deste tamanho
Da adega a cavalo saiu...
Parece que tenho chumbo nos pés
(Voltando-se para a mesa.)
E o vinho, correrá ainda uma vez?

SIEBEL:
Tudo mentira, logro e ilusão.

FROSCH:
Ia jurar que era vinho, e do bom.

BRANDER:
Então e as uvas, também foi tudo peta?

ALTMAYER:
E venha alguém dizer-me que os milagres são treta!